

JACYARA RIOS CHAIA JACOB

**MOVIMENTOS (I)MIGRATÓRIOS E O RESGATE DA
MEMÓRIA / IDENTIDADE: PROJETO DO CENTRO
CULTURAL DE IMIGRAÇÃO NA TERRITORIALIDADE
URBANA DE CAMPO GRANDE (MS)**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE / MS
2011**

JACYARA RIOS CHAIA JACOB

**MOVIMENTOS (I)MIGRATÓRIOS E O RESGATE DA
MEMÓRIA / IDENTIDADE: PROJETO DO CENTRO
CULTURAL DE IMIGRAÇÃO NA TERRITORIALIDADE
URBANA DE CAMPO GRANDE (MS)**

Dissertação apresentada à Banca examinadora
do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento
Local - Mestrado Acadêmico, como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre em
Desenvolvimento Local, sob orientação da Prof^a
Dr^a Maria Augusta de Castilho.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE - MS
2011**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Movimentos (I) Migratórios e o Resgate da Memória / Identidade: Projeto do Centro Cultural de Imigração na Territorialidade Urbana de Campo Grande (MS)

Área de Concentração: Desenvolvimento Local em contexto de territorialidade.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Local, Cultura, Identidade e Diversidade.

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico - Universidade Católica Dom Bosco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Dissertação aprovada em: 29 / 09 / 2011

BANCA EXAMINADORA

Orientadora - Prof^a Dr^a Maria Augusta de Castilho
Universidade Católica Dom Bosco - UCDB

Prof. Dr. Heitor Romero Marques
Universidade Católica Dom Bosco - UCDB

Prof. Dr. Eduardo Yazzigi
Universidade de São Paulo - USP

*O que reúne e atrai as pessoas não é a
semelhança ou identidade de opiniões,
senão a identidade de espírito, a mesma
espiritualidade ou maneira de ser e
entender a vida.*

Marcel Proust (1871-1922)

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a Maria Augusta de Castilho, cuja coordenação e orientação foram essenciais para o bom desenvolvimento deste trabalho.

À minha família, maior tesouro que Deus pôs em meu caminho, e que abençoa todos os dias de minha vida com sua presença, força e alegria.

Ao meu companheiro, Chaia, amor da minha vida, pelo apoio e por toda a força que me transmitiu durante a longa jornada deste mestrado, uma batalha árdua, travada praticamente juntos.

Ao meu filho Raphael, pelas longas horas de debate que me ajudaram a compreender melhor a questão do desenvolvimento local bem como aos meus colegas, por toda a troca de conhecimentos promovida em sala de aula.

Por fim, a Deus, por ter me dado a oportunidade de burilar ainda mais os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos e da vida.

RESUMO

A formação do Estado de Mato Grosso do Sul e a construção da identidade do povo campo-grandense são temas presentes em debates e estudos históricos por vários cientistas sociais e políticos de nossa região. Uma das principais questões suscitadas por todos é a indefinição da identidade do povo do Estado, vez que este caracterizou-se por fortes movimentos migratórios e imigratórios, agregando dessa forma diferentes culturas no seu processo de desenvolvimento. Tais contribuições, porém, foram essenciais para traçar a cultura do Estado, contribuindo profundamente para sua formação, e expondo de fato nossa verdadeira identidade, que é a de um povo que agrega culturas e recebe os povos de braços abertos. Ciente de seu papel, cabe ao participante do programa de pós-graduação – Mestrado Acadêmico - em Desenvolvimento Local: cultura, identidade e diversidade, promover políticas que estimulem a preservação de tais tradições, trazendo à tona todo o multiculturalismo sul-mato-grossense, seja pela culinária, pela dança, ou mesmo por festas e centros culturais, que agreguem os povos e fortaleçam suas raízes.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade cultural. Território. Memória. Desenvolvimento Local.

ABSTRACT

The formation of the State of Mato Grosso do Sul and the construction of its people identity are current issues and debates in historical studies by many social scientists and politicians of our region. One of the main issues raised by all is the blurring of the identity of the people of the State, since it was characterized by significant migration, immigration, thus adding different cultures in their development process. Such contributions, however, were essential to trace the culture of the state, contributing profoundly to their formation, and exposing our true identity, which is a nation that brings people and cultures received with open arms. Aware of its role, the Local Development agent have to promote policies that encourage the preservation of such traditions, bringing out all the multiculturalism of Mato Grosso do Sul, whether for cooking, dance, or even for parties and cultural centers, which add people and strengthen their roots.

KEYWORDS: Cultural identity. Territory. Memory. Local Development.

LISTA DE FOTOS

Foto 1	- Rua 13 de Maio (1932).....	14
Foto 2	- Rua 14 de Julho (1920).....	14
Foto 3	- Rua 14 de Julho (1920).....	15
Foto 4	- Antigo relógio da Avenida Afonso Pena	15
Foto 5	- Avenida Marginal, em 1937	16
Foto 6	- Bar Cinelândia, empreendimento comercial de Campo Grande	16
Foto 7	- Rua Calógeras, concentração de boa parte dos comércios de descendentes árabes	17
Foto 8	- Feira livre, trazida pelos portugueses.....	17
Foto 9	- Chegada dos migrantes na estação ferroviária	18
Foto 10	- Rotunda de Campo Grande, foto aérea de 2008.....	58
Foto 11	- A rotunda já abandonada, em 2006	58
Foto 12	- Parte exterior da rotunda em 2006 (A)	59
Foto 13	- Parte exterior da rotunda em 2006 (B)	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 HISTÓRIA E ORIGEM DE CAMPO GRANDE	13
2 IDENTIDADE DOS POVOS	21
2.1 MIGRAÇÃO	24
2.1.1 Migração paulista.....	25
2.1.2 Migração gaúcha.....	25
2.1.3 Migração mineira	26
2.1.4 Migração paranaense	26
2.1.5 Migração nordestina.....	26
2.2 IMIGRAÇÃO	27
2.2.1 Imigração germânica, austríaca e de europeus do leste.....	28
2.2.2 Imigração espanhola	28
2.2.3 Imigração italiana.....	29
2.2.4 Imigração japonesa	29
2.2.5 Imigração paraguaia	30
2.2.6 Imigração portuguesa.....	30
2.2.7 Imigração sírio-libanesa	31
3 AS COLÔNIAS ESTRANGEIRAS E SEUS DESCENDENTES NO ESPAÇO TERRITORIAL DE CAMPO GRANDE-MS	32
3.1 A COLÔNIA ÁRABE	32
3.2 A COLÔNIA JAPONESA	34
3.3 A COLÔNIA ESPANHOLA	36
3.4 A COLÔNIA ITALIANA	36
3.5 OUTRAS COLÔNIAS	37

3.5.1 Paraguaio	37
3.5.2 Alemão	38
4 DO MULTICULTURALISMO COMO ELEMENTO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL	40
5 PROPOSTA DE PROJETO DO CENTRO CULTURAL DE IMIGRAÇÃO EM CAMPO GRANDE	45
5.1 OBJETIVOS	51
5.1.1 Festa das Nações	54
5.1.2 Exposições Permanentes e Rotativas	55
5.2 MEMORIAL DESCRITIVO – PROJETO DO CENTRO CULTURAL DE IMIGRAÇÃO	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	64
ANEXO	66

INTRODUÇÃO

Campo Grande é uma cidade de várias identidades, construída a partir de movimentos migratórios constantes de grupos e famílias que buscavam melhores trabalhos e melhores ganhos. Atraídos pelas promessas de vantagens, Campo Grande serviu não apenas para receber povos de outros Estados, mas também serviu de destino para imigrantes de diversas partes do mundo, fato que contribuiu para a sua construção e desenvolvimento.

O multiculturalismo aqui presente faz a cidade, à primeira vista, parecer um centro sem identidade definida. Porém, a verdadeira identidade de Campo Grande está exatamente no complexo sistema de redes sociais, aqui estabelecido, agregando todas as culturas dos povos que aqui recebeu de braços abertos. Ter a consciência da história de Campo Grande e da importância desses povos acaba sendo fundamental para o apreço de sua identidade.

Nas lições fundamentais acerca do Desenvolvimento Local, destaca-se que todo o movimento no sentido de crescimento social ou econômico parte das próprias potencialidades das pessoas inseridas no meio que se desenvolve. Esse é o ponto que precisa ser destacado no presente trabalho: o papel do imigrante como agente de Desenvolvimento Local dentro do espaço territorial de Campo Grande (MS), e o meio como suas atividades foram fundamentais para a história do município ao longo dos anos. Outro ponto desenvolvido na presente pesquisa diz respeito à proposta de criação do Centro Cultural de Imigração. Trata-se de um centro que concentraria representantes de todas as colônias presentes em Campo Grande, em um espaço em que a população da capital de Mato Grosso do Sul, bem como pessoas de outras cidades e estados, possam entender o papel fundamental que desempenharam no traçado da identidade local da população campo-grandense.

Qual o papel dos movimentos (i)migratórios na formação da identidade de Campo Grande? Qual o enfoque que o Desenvolvimento Local pode dar a tais

movimentos? Tais questões devem ser levantadas com o objetivo de demonstrar que os estrangeiros aqui instalados desempenharam papel fundamental na construção da identidade de Campo Grande, e o resgate de tal cultura mostra-se essencial para a continuidade do desenvolvimento da capital sul-mato-grossense.

A pesquisa foi exploratória, onde se buscou informações sobre a comunidade local e suas atividades no contexto da territorialidade urbana de Campo Grande (MS). Tal estudo se caracterizou por meio de um planejamento flexível, com levantamento bibliográfico, elaboração de um projeto para a construção de um Centro Cultural de Imigração na capital sul-mato-grossense. Também se lançou mão de diálogos com membros da comunidade. O trabalho foi pautado no método indutivo.

No primeiro capítulo, abordam-se alguns breves aspectos históricos sobre a origem de Campo Grande, como a cidade foi fundada, quem foram os responsáveis pelos primeiros movimentos migratórios aqui instalados, bem como as primeiras famílias que promoveram a emancipação do então vilarejo, para alcançar o *status* de cidade.

No segundo capítulo, destaca-se a identidade dos povos que foram se estabelecendo em Campo Grande, suas peculiaridades, seus anseios em nossas terras, bem como serão descritos os movimentos migratórios e imigratórios que contribuíram para o desenvolvimento da cidade e para o crescimento da população aqui presente.

No terceiro capítulo enfatizam-se as colônias instaladas em Campo Grande, suas tradições, bem como as principais contribuições trazidas por elas nos mais diversos campos, como arquitetura, saúde, educação, e principalmente, cultura - dança, música, gastronomia -, e como tais contribuições marcaram o desenvolvimento da capital sul-mato-grossense.

O quarto capítulo trata do multiculturalismo como elemento de identidade do povo de Campo Grande, bem como a questão da multiplicidade do território campo-grandense em razão da criação de redes sociais formadas pelas próprias colônias e os cidadãos da capital do estado de Mato Grosso do Sul. Discutir-se-á ainda a questão da pertença e da “glocalização” aplicados à análise da identidade de Campo Grande sob o enfoque do multiculturalismo.

No capítulo cinco, discute-se a proposta de criação de um Centro Cultural de Imigração, em um espaço predeterminado dentro de Campo Grande, como um instrumento de agregação das mais diferentes culturas, de formas a preservá-las e protegê-las, e ao mesmo tempo, de promover o desenvolvimento de uma dada região e restaurar parte do patrimônio histórico da capital, hoje, completamente abandonado à própria sorte. Discutir-se-á ainda os detalhes da obra, suas especificações, bem como os eventos a serem realizados no local descrito.

1 HISTÓRIA E ORIGEM DE CAMPO GRANDE

A história da capital sul-mato-grossense remonta ao ano de 1870, quando, em razão da guerra da Tríplice Aliança, veio até à região a notícia aos moradores do Triângulo Mineiro - mais exatamente do município de Monte Alegre - da existência de terras férteis para lavoura e criação de gado na região então conhecida como “Campo de Vacarias”.

Uma das pessoas mais instigadas pela boa nova fora José Antonio Pereira, que até então buscava terras onde pudesse se estabelecer, e ocupar com sua família e agregados, além de escravos e outras famílias que com ele trabalhavam. No dia 21 de junho de 1872, o grupo deslocou-se de sua terra de origem, instalando-se próximo ao encontro dos córregos Prosa e Segredo - região que hoje compreende o Horto Florestal, na Avenida Ernesto Geisel. Próximo àquela área, José Neponuceno já era proprietário de uma gleba próxima ao trilheiro, por onde boiadeiros costumavam passar para ir até os municípios de Nioaque, ao sul, e Camapuã, ao norte.

Na data de 14 de agosto de 1875, José Antonio Pereira traz sua família e seus acompanhantes até a região em que mais tarde seria erigido o município de Campo Grande. Instalados no local, organizam seu primeiro rancho, e nas proximidades de sua propriedade, encontram Manoel Vieira de Souza e sua família, dando assim origem à primeira geração de campo-grandenses.

Passam-se os anos, e as glebas vão formando uma comunidade organizada, até atingir o *status* de vilarejo. No final do ano de 1877, José Antonio Pereira termina a primeira igreja da vila construída de pau-a-pique e telhas de barro: o grupamento social aumentava cada vez mais, com novas famílias chegando a cada ano. As casas iam sendo instaladas umas ao lado das outras com a chegada de mais gente interessada na região, formando um traçado improvisado, que, involuntariamente, acabava por formar a primeira rua da cidade, a Rua Velha - hoje,

conhecida como Rua 26 de Agosto -, que desembocava num pequeno lago, de onde se dividia em duas outras ruas, formando uma bifurcação. Na parte central da rua, na Casa de Comércio e Farmácia, de propriedade da família do Dr. Joaquim Vieira de Almeida, reuniam-se os membros mais influentes da comunidade. Joaquim Vieira era o homem de maior instrução da vila, responsável pela elaboração e redação de atas e cartas de caráter público ou privado. Era na Casa de Comércio em que eram resolvidos os problemas e reivindicações da comunidade: era dali que saíam os eventuais pedidos e requerimentos ao governo em favor de todos. Atribui-se a Joaquim Vieira de Almeida a elaboração de um ofício requisitando a emancipação da vila de Santo Antônio de Campo Grande. Já José Antonio Pereira havia construído sua casa na ramificação de baixo da Rua Velha, em sua fazenda, a “Bom Jardim”, vindo a falecer cinco meses após a emancipação do local, no ano de 1899 (MACHADO, 2008).

No ano de 1879, surgem novas caravanas vindas de Minas Gerais, distribuindo-se através de marcações de posses, estabelecendo assim as primeiras fazendas da região então conhecida como Santo Antônio de Campo Grande.

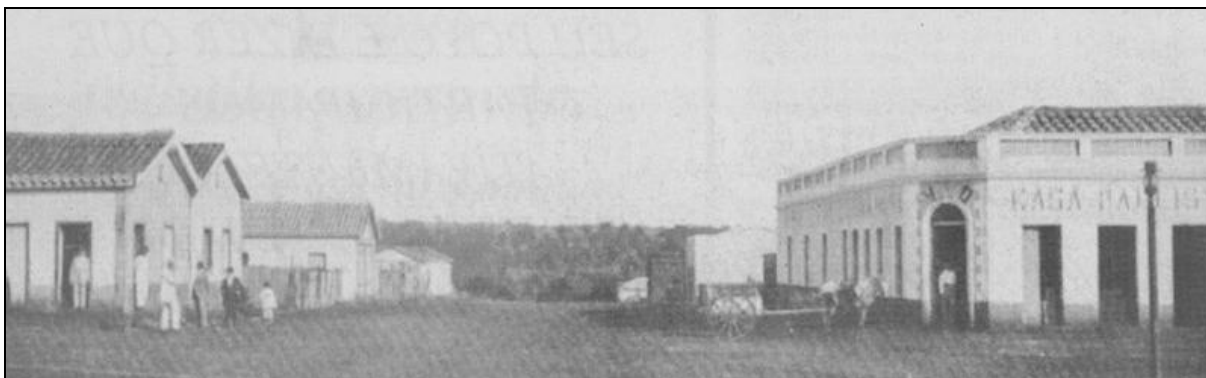
A primeira escola de Campo Grande foi fundada no ano de 1895, o antigo Colégio Professor José Rodrigues Benfica, localizado na Rua Velha. A escola levava o nome do professor homônimo, que sempre recitava com os alunos, ao final de suas aulas, uma pequena quadrinha, na qual dizia:

Há na vida dois caminhos
Um do mal, outro do bem.
Do primeiro, brotam espinhos
O segundo, risos têm.

Depois de antigas e insistentes reivindicações, tendo como razão principal a posição estratégica da região, além do fato de ser a mesma um corredor inevitável para quem fosse do extremo sul do Estado, a Camapuã ou ao Triângulo Mineiro, o Governo do Estado assina a resolução de emancipação da vila, elevando-a ao *status* de município, em 26 de agosto de 1899. Abandonava-se a metonímia Vila de Santo Antônio de Campo Grande, para ser batizada com o nome de Campo Grande apenas. Curiosamente, quando da emancipação, Joaquim Vieira de Almeida - a quem se atribui a autoria do pedido - já havia falecido, vítima de tuberculose, não podendo assim testemunhar o deferimento de seu pleito.

O povoado de Campo Grande passa a crescer com a exploração da atividade pecuária, mercado de fácil acesso e instalação em razão do estabelecimento de inúmeras fazendas de criação de gado, em suas imediações, bem como nos “Campos de Vacarias”. Campo Grande aos poucos ia se tornando um centro de comercialização de gado, de onde partiam comitivas conduzindo centenas de cabeças de gado para o Triângulo Mineiro e o Paraguai. Com a construção da Estrada Boiadeira, que ia de Campo Grande até o Paraná, por iniciativa de Manoel da Costa Lima, as grandes comitivas passaram a ser conduzidas também para o estado de São Paulo, abrindo novo mercado para a pecuária local e novas oportunidades de intercâmbio comercial (ver fotos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8).

Foto 1 - Rua 13 de Maio (1932)



Fonte: ARCA - Revista Histórica de Campo Grande (1992).

Foto 2 - Rua 14 de Julho (1920)



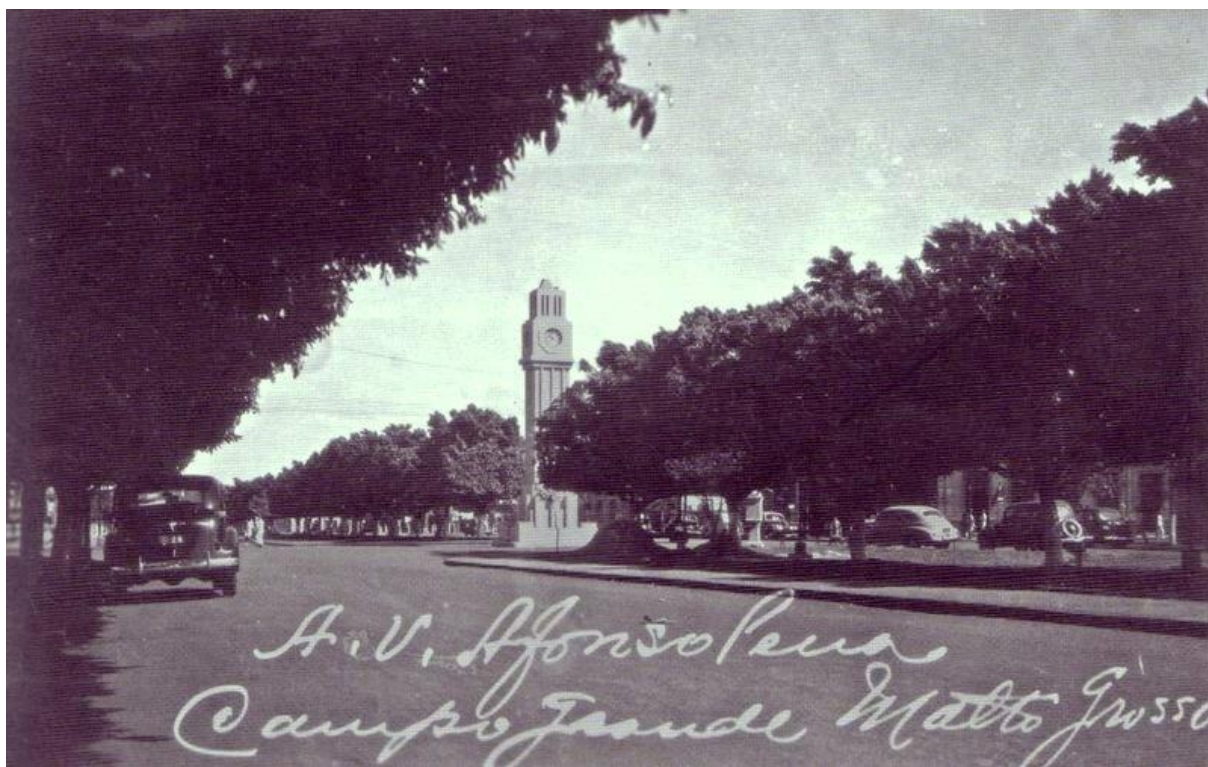
Fonte: ARCA - Revista Histórica de Campo Grande (1992).

Foto 3 - Rua 14 de Julho (1920)



Fonte: ARCA - Revista Histórica de Campo Grande (1992).

Foto 4 - Antigo relógio da Avenida Afonso Pena



Fonte: ARCA - Revista Histórica de Campo Grande (1992).

Foto 5 - Avenida Marginal, em 1937



Fonte: ARCA - Revista Histórica de Campo Grande (1992).

Foto 6 - Bar Cinelândia, empreendimento comercial de Campo Grande



Fonte: ARCA - Revista Histórica de Campo Grande (1992).

Foto 7 - Rua Calógeras, concentração de boa parte dos comércios de descendentes árabes



Fonte: ARCA - Revista Histórica de Campo Grande (1992).

Foto 8 - Feira livre, trazida pelos portugueses



Fonte: ARCA - Revista Histórica de Campo Grande (1992).

Outro fator de progresso para Campo Grande e para o então Estado de Mato Grosso foi a chegada da Estrada de Ferro, da Noroeste do Brasil, em 1914,

ligando as bacias dos rios Paraná e Paraguai aos países vizinhos - a Bolívia, por meio do Porto Esperança, e o próprio Paraguai, através de Ponta Porã. Funcionando como entreposto comercial e fornecedor de serviços cobrindo uma vasta região, Campo Grande desenvolvia-se a passos largos, estabelecendo sua liderança no sul do Estado (ver foto 9).

Foto 9 - Chegada dos migrantes na estação ferroviária



Fonte: ARCA - Revista Histórica de Campo Grande (1992).

O Comando da Circunscrição Militar, transferido para Campo Grande em 1912 - até então era sediado em Corumbá -, acabou contribuindo para o desenvolvimento de Campo Grande e para a afirmação de sua liderança, em razão das várias obras realizadas que essa transferência ensejou, como, por exemplo, dos quartéis e outros estabelecimento militares, gerando empregos e aumentando a circulação de capital local.

Em 1930 a cidade já contava com aproximadamente 12 mil habitantes, três agências bancárias, serviço de Correios e Telégrafos, várias repartições públicas, bem como estabelecimento de ensino primário e secundário,

abastecimento de água encanada, luz elétrica, rede de telefonia e clubes recreativos.

Em meados de 1932, chega a Campo Grande a notícia de que a Revolução Constitucionalista havia sido deflagrada. Coube aos políticos e aos coronéis da época a tomada de uma postura, decidindo romper de vez com o poder, unindo-se ao estado de São Paulo. Chegou-se a declarar na região um Estado independente, tendo como capital Campo Grande, e sendo escolhido como governador o renomado médico Dr. Vespasiano Martins, instalando-se o palácio do governo no prédio da Maçonaria, de onde partiam as decisões e o planejamento do combate às forças legalistas.

A capital do então estado único de Mato Grosso, Cuiabá, recebia por outro lado maior influência dos estados de Goiás, Rio de Janeiro, Paraná e parte de Minas Gerais; em razão disso, o município adota postura legalista. Já Campo Grande, neste diapasão, torna-se a capital do Estado de Maracaju, concretizando um anseio já manifestado outrora: o sul independente do norte.

Com a vitória das forças legalistas, a campanha divisionista acaba frustrada, e o estado de Mato Grosso volta a sua unidade original. Tal campanha, porém voltaria no ano de 1958, sendo reiniciada. Quando o general Ernesto Geisel foi empossado na Presidência da República, e nomeou o general Golbery do Couto e Silva para a chefia de sua Casa Civil, esses dois militares, então coronéis, já haviam estado em Mato Grosso, há 20 anos, para estudar a viabilidade da divisão do Estado, tendo concluído que ela era não apenas viável, mas necessária. O sul do Estado consegue eleger a maioria da Assembléia Legislativa Estadual, conseguindo concretizar, desta forma, em 11 de outubro de 1977, pela promulgação da Lei Complementar nº 31, a criação de um novo estado, o Estado de Mato Grosso do Sul, tendo a cidade de Campo Grande eleita como sendo sua capital (MACHADO, 2008).

No início de 1960, Campo Grande abriga a sua primeira Instituição de Ensino Superior, as Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT), que anos mais tarde daria origem à Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Nessa mesma década foi criada a Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), com um de seus *campi* instalado em Campo Grande, onde se concentram cursos nas áreas de saúde, ciências exatas e tecnológicas. Depois da divisão do Estado, ela se

federaliza, tornando-se a Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FUFMS), hoje (UFMS). Nos anos 1970, surgiu o Centro de Ensino Superior Professor Plínio Mendes dos Santos (CESUP), antecessor da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP). Já na década de 1990, surgiu a Sociedade Ensino e Informática Campo Grande (SEIC) e as Faculdades Integradas de Campo Grande (FIC - UNAES). Tanto a UNIDERP quanto a UNAES foram adquiridas pelo grupo Anhanguera Educacional, o qual tem várias instituições de ensino superior distribuídas pelo Brasil.

Devido ao seu solo avermelhado e seu clima tropical, Campo Grande ficou conhecida como “Cidade Morena”, tendo hoje uma boa estrutura, com ampla rede hoteleira e restaurantes, com variados pratos típicos, além de amplos parques, como o Parque das Nações Indígenas e pontos de encontro local, como a Feira Central. Campo Grande é ainda a primeira parada indicada para muitos viajantes que decidem conhecer as belezas do Pantanal sul-mato-grossense (MACHADO, 2008).

2 IDENTIDADE DOS POVOS

Para que seja possível discorrer acerca da entrada dos estrangeiros no Estado de Mato Grosso do Sul, e, por conseguinte, no município de Campo Grande, é necessário elaborar um retrospecto de tais movimentos em nível nacional. De acordo com Machado (2008), no período de 1820 a 1920, os italianos lideraram o movimento imigratório no Brasil, seguidos pelos portugueses, espanhóis e alemães, respectivamente. Após a década de 1920, os portugueses e espanhóis passaram a constituir a maioria dos imigrantes, mesma época em que turcos e árabes começam a aparecer de maneira bastante expressiva.

O governo brasileiro incentivou - e em diversas oportunidades subsidiou - a imigração. De início, a necessidade de reposição de trabalhadores rurais figurava como razão principal de tais subsídios. Posteriormente, a necessidade de mão-de-obra para a indústria passou a ser determinante para o incremento dos fluxos imigratórios. No período pós-guerra, em especial na década de 1950, chegaram ao Brasil mais de 500.000 imigrantes; tal número, porém, passou a cair bastante a partir da década de 1960.

De acordo com o Boletim do Serviço de Imigração e Colonização n.º 02, publicado em outubro de 1940, e o n.º 04, publicado em dezembro de 1941, foram registrados os seguintes movimentos imigratórios: Portugueses (25,4%), Espanhóis (18,7%), Italianos (17,5%), Japoneses (14,7%), Alemães (4,3%), Turcos e Árabes (4,0%), Romenos (2,8%), Lituanos (2,1%), Iugoslavos (1,9%), Poloneses (1,6%) e Austríacos (1,4%) (CAMPOS, 1987, p. 50). Nos anos seguintes, estavam mais presentes no referido território, de acordo com o Censo de 1950, os portugueses, italianos, espanhóis, japoneses, alemães, poloneses, e sírio-libaneses (CUNHA, 1999).

Em 1970, o mapa dos imigrantes no Brasil muda mais uma vez, apontando maiores colônias representadas pelos japoneses (142.000) sobre os

italianos (128.000) e espanhóis (115.000), e pelos sírio-libaneses (32.000) sobre os poloneses (18.000). Há de se notar que a mescla de outras várias nacionalidades não identificadas no Censo da época, soma, em 1950, 197.000 pessoas e em 1970, 185.000.

A maioria portuguesa fica situada no Norte e Sudeste do país, enquanto a alemã prefere instalar-se no Sul do Brasil. Já os imigrantes italianos e japoneses estabelecem-se no Estado de São Paulo. Por fim, os árabes partem espalhando-se de norte a sul, com alguma predominância no norte (regatões e mascates, no princípio do século).

É possível reunir os imigrantes em dois grandes grupos, numa divisão arbitrária.

- a) aqueles que entraram como colonos com o propósito de se estabelecer em terras de sua propriedade;
- b) os imigrantes que permaneceram nas cidades, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, tendo ou não passado pela experiência do colonato.

Os alemães, italianos e japoneses, entre outros, desempenharam um papel importante na colonização do Sul e Sudeste do país, enquanto grupos como os libaneses, espanhóis e portugueses, em sua maioria, ficaram em áreas urbanas, alguns deles identificados com determinadas ocupações.

Há, porém, algumas questões que precisam ser consideradas. Um dos problemas em relação aos registros da entrada de imigrantes no Brasil a partir de 1824 diz respeito à imprecisão dos dados estatísticos registrados na época. Não são raras as críticas que existem sobre a divergência dos dados apresentados sobre o assunto, e as estimativas quanto ao número total de imigrantes, seja no conjunto ou por nacionalidade.

Outro problema com relação às estatísticas é saber exatamente quantos imigrantes realmente permaneceram no país, uma vez que tanto o retorno aos seus países de origem, quanto a partida para outros destinos, foram fatos extremamente comuns.

Há registros claros, porém, de que população de Mato Grosso do Sul vem crescendo exponencialmente desde os idos de 1870, quando o Estado passou a ser efetivamente povoado. Entre a década de 40 e o ano de 2007, a população sul-

mato-grossense aumentou quase dez vezes, ao passo em que a população do Brasil, no mesmo período, aumentou pouco mais que quatro vezes. Tal crescimento não se deu em razão dos registros de natalidade no estado, mas em face da grande quantidade de migrantes de outros estados ou imigrantes em Mato Grosso do Sul. Segundo o IBGE, no ano de 2005, 30,2% da população residente no estado não era natural daquela unidade da federação (CUNHA, 1999).

Já segundo Machado (2008), as migrações de contingentes oriundos dos Estados da federação e imigrações de países vizinhos ou de outros continentes, foram fundamentais para o povoamento de Mato Grosso do Sul, marcando a fisionomia da região. O Estado é, ainda, o segundo do Brasil em número de habitantes ameríndios, de várias etnias. É ainda em razão do grande número de descendentes de ameríndios e de imigrantes paraguaios, que em sua maioria têm como ancestrais os índios guaranis, que a maioria da população do Estado de Mato Grosso do Sul possui uma grande porcentagem dos chamados "pardos".

Destarte tal fato histórico, o Mato Grosso do Sul serviu de refúgio para vários negros fugidos durante o período da escravidão, havendo várias referências ao estado presentes em canções folclóricas, como as utilizadas em práticas de capoeira. A canção "Paranauê", por exemplo, alude à liberdade que os escravos encontrariam para além do Rio Paraná, no atual território de Mato Grosso do Sul, onde não seriam caçados por feitores ou bandeirantes. O estado de Mato Grosso do Sul também possui uma das maiores quantidades de comunidades quilombolas no Brasil.

O estado de Mato Grosso do Sul tem como bebida típica o tereré (semelhante ao chimarrão, porém frio), tomado nos encontros entre amigos e familiares, sendo também considerado o estado-símbolo dessa bebida e maior produtor de erva-mate da região Centro-Oeste do Brasil.

2.1 MIGRAÇÃO

Uma das principais características da construção da identidade do povo de Mato Grosso do Sul foi a miscigenação dos povos que buscavam seu espaço para desenvolver suas atividades e criar suas famílias. Durante seus quase

quinhentos anos de história desde que o primeiro homem branco, Aleixo Garcia, pisou em seu território em 1524, o Mato Grosso do Sul recebeu migrantes de diversas partes do Brasil nas diferentes fases de sua ocupação. Tais ocupações traziam consigo caracteres fundamentais de cultura, que anos mais tarde refletiu-se na culinária, na dança, nas festas e nos costumes (CUNHA, 1999).

Passa-se a seguir a uma breve análise dos principais movimentos migratórios no Estado. A importância de cada um desses povos para a construção da capital, Campo Grande, porém, será discutida a parte, em momento oportuno.

2.1.1 Migração paulista

Desde o início do século XVII, muitos exploradores paulistas eventualmente se estabeleceram na região que hoje compreende o estado de Mato Grosso do Sul, a partir das primeiras expedições bandeirantes. O fluxo de novas famílias paulistas migrando para o Estado, no entanto, tornou-se contínuo a partir das últimas décadas do século XVIII, quando da ocupação do oeste, nordeste e centro da região. Durante o século XX, centenas de paulistas também se fizeram presentes como colonos das companhias colonizadoras e como operários dos fundadores das cidades do leste e sudeste sul-mato-grossenses. O influxo de paulistas se manteve constante desde o início deste novo século (CUNHA, 1999).

2.1.2 Migração gaúcha

O início da migração gaúcha deu-se juntamente ao início do fluxo regular de migrantes paulistas, no final do século XVIII, quando mais cidades passaram a ser fundadas no sul do estado de Mato Grosso. As famílias gaúchas deram entrada nesta região de forma semelhante às famílias paulistas, paulatinamente durante o século XIX e início do século XX. Na década de 1970, no entanto, uma segunda onda de migrantes gaúchos estabeleceu-se em Mato Grosso do Sul, seguindo um modelo de colonização notadamente diferente da primeira. Juntamente com

paranaenses, os migrantes gaúchos procuravam se dedicar à cultura mecanizada da soja na região centro-sul do estado (CUNHA, 1999).

2.1.3 Migração mineira

Foi com as expedições realizadas no final da década de 1820, pelo Barão de Antonieta, que várias famílias de origem mineira passaram a adotar o sul do estado de Mato Grosso como seu novo lar, sobretudo com o advento das frentes colonizadoras dos Garcia Leal e dos Lopes, nas regiões nordeste e central do estado. Esse processo continuou durante o século XX e, assim como a migração paulista, a vinda de famílias de Minas Gerais continua sendo um fator constante em Mato Grosso do Sul no século XXI (CUNHA, 1999).

2.1.4 Migração paranaense

Diferentemente dos casos das migrações paulista e mineira, a chegada de colonos paranaenses na região de Mato Grosso se deu em dois momentos históricos mais isolados. O primeiro momento foi caracterizado pela entrada dos colonos ao estado durante a década de 1940, com a “Marcha para o Oeste”, promovida por Getúlio Vargas e as companhias de colonização, estabelecendo-se nas regiões: central e sul do estado, na Colônia de Dourados. A segunda parcela desses migrantes estabeleceu-se em Mato Grosso do Sul nas décadas de 1970 e 1980, à procura de terras onde pudessem se dedicar à produção mecanizada de cereais, sobretudo a soja, na mesma região que a anterior (CUNHA, 1999).

2.1.5 Migração nordestina

A migração nordestina no estado de Mato Grosso do Sul intensificou-se a partir de 1890, uma vez que as frentes colonizadoras mais antigas já se

encontravam estabelecidas. Embora tenha permanecido constante até a década de 1930, no entanto, esse fluxo de nordestinos para o sul de Mato Grosso pode ser diferenciado de uma segunda onda de migrantes, que atingiu a região durante a “Marcha para o Oeste”, de Getúlio Vargas. Enquanto o primeiro grupo se distribuiu em diferentes áreas do estado, o segundo concentrou-se no centro e sul do mesmo (CUNHA, 1999).

2.2 IMIGRAÇÃO

Visando a substituição da mão-de-obra escrava por trabalhadores livres no Brasil, o Governo Imperial passou, a partir da segunda metade do século XIX, a promover mais ativamente a imigração, principalmente européia, para diferentes regiões do Brasil. Desta época até o Estado Novo - que é lembrado na história como um período que dificultou a imigração -, o Brasil recebeu milhões de imigrantes, não só europeus. A região sul do antigo estado de Mato Grosso não foi exceção (CUNHA, 1999).

A partir de 1890, o estado de Mato Grosso - em especial sua região Sul, que compreende atualmente o estado de Mato Grosso do Sul - apresentou uma população de estrangeiros, cada vez maior, superando a marca de 6% da população total na década de 1920; a partir daí, o número decaiu para 4% da população até a década de 1970. A história destaca, porém, que, no período entre 1872 e 1970, o Mato Grosso e sua região sul tiveram continuamente uma população estrangeira acima da média nacional, caso que somente se repetiu em outros quatro estados brasileiros, e com a cidade do Rio de Janeiro. Entre as décadas de 1920 e 1970, mais de 50% dos estrangeiros que habitavam o Mato Grosso eram paraguaios; outros 13% eram naturais da Bolívia (CUNHA, 1999).

A seguir será apresentada uma breve análise dos principais movimentos migratórios no estado de Mato Grosso. Assim, como na discussão dos movimentos migratórios, a importância de cada uma dessas colônias para a formação de Campo Grande será discutida a parte, em um capítulo a parte.

2.2.1 Imigração germânica, austríaca e de europeus do leste

Na década de 1920, a Europa ainda sofria as consequências da Primeira Guerra Mundial. Fazendo uso das dificuldades econômicas daquela região, principalmente dos países vizinhos à Alemanha, foram várias as empresas que se dedicaram a promover, mediante pagamento, a emigração para outros países, principalmente os Estados Unidos e o Brasil (MEGGIOLARO, 1992).

A Companhia de Colonização Alemã Hacker foi uma dessas empresas, subsidiando a vinda de imigrantes alemães, búlgaros, poloneses, russos, romenos e austríacos para o Brasil, mais especificamente para o sul de Mato Grosso, a lugares como a Colônia de Terenos, na época um pequeno núcleo agrícola recém-criado, próximo a Campo Grande. Devido a vários problemas, no entanto, mesmo com a intervenção da Prefeitura de Campo Grande, essa colônia fracassou e muitos dos colonizadores partiram de volta à Europa ou para o sul do Brasil. Apesar disso, no ano de 1960, o censo do IBGE registrou 232 alemães em Mato Grosso: a maioria deles se encontrava no sul do estado, pois, após a divisão do mesmo, em 1980, eram 176 alemães no Mato Grosso do Sul segundo o IBGE.

2.2.2 Imigração espanhola

Refletindo o fato de que no Brasil os espanhóis são a terceira etnia de imigrantes europeus mais presente no território, em Mato Grosso do Sul a porcentagem de seus descendentes é comparável ao restante do país. Além de ter recebido imigrantes diretamente da Espanha, o estado ainda abrigou imigrantes oriundos de outras regiões brasileiras, como do estado de São Paulo. O mesmo aconteceu com outros imigrantes, a exemplo dos italianos e japoneses, que muitas vezes passaram por outros estados, sobretudo nas regiões Sul e Sudeste, antes de se estabelecerem no sul de Mato Grosso (CUNHA, 1999).

2.2.3 Imigração italiana

A Itália passava por um longo período de guerras pela Unificação do Estado Italiano. Encerrados os conflitos, a economia italiana se encontrava debilitada, associada a problemas de alta taxa demográfica e desempregos. Os Estados Unidos - destino favorito de muitos imigrantes - diante da crescente entrada de estrangeiros, começou a endurecer os critérios para imigração em seu território. Tais fatores levaram, a partir da década de 1870, ao início da maciça imigração de italianos para o Brasil (CUNHA, 1999).

Embora a região sul de Mato Grosso tenha recebido muitos imigrantes italianos, a maioria dos ítalo-sul-mato-grossenses descende de imigrantes que inicialmente tiveram passagem por estados como São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná. Isso se deveu à falta de oportunidades nesses estados, principalmente no sul do Brasil, o que fez com que milhares de sulistas migrassem para a região Centro-Oeste, em especial para o Mato Grosso do Sul. Entre esses migrantes, estavam milhares de ítalo-brasileiros. A população italiana e ítalo-descendente no estado de Mato Grosso do Sul hoje representa cerca de 5% da população (CUNHA, 1999).

2.2.4 Imigração japonesa

A porcentagem de japoneses e descendentes no estado de Mato Grosso do Sul é relativamente alta. No dia 18 de junho de 1908, o navio Kassato Maru chegou ao porto de Santos, trazendo 781 imigrantes. Desses, 26 famílias instalaram-se no sul de Mato Grosso, atraídas por suas terras férteis, pouco exploradas e seu clima agradável (KOEI, 1999).

A necessidade de mão-de-obra para a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, com muito boa remuneração para a época, também trouxe imigrantes desiludidos com as fazendas de café de São Paulo e Minas Gerais. Em 1909, um grupo de 75 imigrantes - a maioria oriunda da região de Okinawa - partiu do porto de Santos, em São Paulo, em um cargueiro fretado pela construtora da

ferrovia, vindo pelo Rio da Prata, até o Porto Esperança, em Corumbá, na base das obras da ferrovia, já em Mato Grosso. Outros, ainda, vieram pelo Peru.

Devido às dificuldades encontradas na construção da ferrovia, muitos imigrantes japoneses desistiram do trabalho, concentrando-se em cidades como Três Lagoas e Campo Grande, onde se dedicaram à produção de hortifrutigranjeiros, seda, bem como no setor de serviços gerais. Os bons resultados obtidos por essas famílias atraíram outros imigrantes japoneses para a região (KOEI, 1999).

2.2.5 Imigração paraguaia

Os paraguaios são o maior grupo étnico estrangeiro em Mato Grosso do Sul, tendo se estabelecido na região desde a demarcação da fronteira entre o estado e aquele país. Constituíram, por exemplo, a grande parte da mão-de-obra da Companhia Mate Laranjeira.

A influência cultural paraguaia foi de grande importância para a construção do Estado, seja pelo consumo de erva-mate, em forma de tereré, seja pela dança e músicas típicas, seja pela culinária marcante. Há ainda contribuições na área da saúde: foi após uma receita caseira paraguaia que se criou o Hospital Adventista do Pênfigo, hoje referência nacional no tratamento da doença do "fogo selvagem", ou pênfigo (CUNHA, 1999). Sobre as contribuições, discorrer-se-á mais detalhadamente nos capítulos vindouros.

2.2.6 Imigração portuguesa

No século XX, uma grande onda migratória se deu entre 1929 e 1961, tendo sido os portugueses os responsáveis pela construção da primeira estrutura de concreto armado do então estado de Mato Grosso, a “Ponte Velha”, no município de Coxim. Não há muitos detalhes sobre as motivações dos colonos de tal país em aventurarem-se em terras brasileiras que se difiram dos demais povos europeus. No ano de 2003, a colônia portuguesa em Mato Grosso do Sul possuía aproximadamente dois mil e quinhentos integrantes (CUNHA, 1999).

2.2.7 Imigração sírio-libanesa

Cerca de 5% da população sul-mato-grossense é composta por descendentes de árabes ou imigrantes árabes, uma porcentagem alta em comparação a outras regiões do Brasil. A partir de 1912, fugindo de conflitos no Oriente Médio, sírios, libaneses, turcos e armênios vieram ao Brasil pelo porto de Santos. De lá, partiram para o porto de Corumbá, por onde começaram a ocupação em toda a região Centro-Oeste, bem como no pólo comercial de Mato Grosso: mais tarde, dispersaram-se para outras cidades do estado. Muitos outros também chegaram por meio da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, a qual os mesmos ajudaram a construir. Mesmo antes de terminada a construção da estrada de ferro, no entanto, já se dedicavam primordialmente ao comércio, sua principal atividade (MEGGIOLARO, 1992).

3 AS COLÔNIAS ESTRANGEIRAS E SEUS DESCENDENTES NO ESPAÇO TERRITORIAL DE CAMPO GRANDE

Restou demonstrado que os diferentes povos que entraram no antigo Estado de Mato Grosso, fixando suas residências na região que hoje compreende o município de Campo Grande, tiveram parcela de responsabilidade na construção da identidade cultural que o povo hoje ostenta. Por certo, é possível deparar-se com um grave problema quando se buscam informações que apontem, por exemplo, pratos típicos, trajes, danças e festas que sejam genuinamente da capital sul-mato-grossense.

A maior característica do povo campo-grandense é a da hospitalidade e receptividade: trata-se de um povo cordial, que soube receber e agregar as diferenças, formando um povo único, e ao mesmo tempo tomado de uma multiplicidade ímpar. Campo Grande e sua população cresceram dentro de uma miscelânea cultural, e é o papel determinante de cada uma dessas colônias na construção dessa cultura agregadora que será traçado de forma esquematizada e organizada no presente capítulo.

3.1 A COLÔNIA ÁRABE

Os primeiros povos árabes que chegaram ao Brasil vinham sem qualquer domínio da língua portuguesa: para comunicarem-se, lançavam mão de dicionários inglês-português, ou ainda francês-português. Em razão de sua estrutura manifestamente tribal¹, esses povos nunca abandonaram o uso rotineiro de sua língua, uma característica que permanece forte nesta colônia até os dias de hoje (CUNHA, 1999).

¹ O termo “tribal” é utilizado para refletir um aspecto marcante da própria cultura árabe, ostentada com orgulho pelos povos de tal origem. Podemos notar referências ao uso da palavra em manifestos como “Dança do Ventre e Estilo Tribal”, de autoria de Nadja el Balady, disponível em <http://www.nadjainbalady.com/tribal.htm>

Inicialmente, todos os povos árabes eram considerados “turcos”. A confusão era justificada, tendo em vista que todos os povos de etnia árabe chegavam todos ao Brasil com passaportes emitidos pela Turquia, fato que se justificava pela expansão do Império Otomano, que dominou a região entre os séculos X e XIX. Entre esses povos, podiam ser encontrados libaneses, turcos, sírios e palestinos (MEGGIOLARO, 1992).

A principal contribuição dos povos árabes veio com o comércio: num primeiro momento, destacavam-se as figuras dos mascates, vendedores ambulantes que vendiam seus produtos de porta em porta. Um dos mascates mais famosos foi Naim Dibo, um dos primeiros de Campo Grande, que começou como carroceiro, e anos mais tarde se tornou o maior atacadista do Estado, com a Casa Futurista, localizada na Rua 26 de Agosto. A figura dos mascates sempre foi muito presente no passado de Campo Grande, com representantes como o velho “Somustra”, um vendedor que batia de casa em casa para “só mostrar” as coisas que trazia consigo, não desistindo enquanto não fizesse uma venda. Esses vendedores trouxeram ainda ao comércio a estrutura básica de crédito, por meio de vendas em cadernetas e a prazos para os donos de fazendas locais (MEGGIOLARO, 1992).

A atividade dos mascates sempre foi envolta de diversas histórias e causos. Diziam os antigos uma vez que havia uma mula do Exército que ninguém domava. Vendo a situação, um carroceiro, Georges Chaia, aceitou o desafio no qual provaria ser mais xucro que a mula. Em pouco tempo, e depois de ter duas carroças quebradas, a mula foi domada pelo velho Chaia, que puxava o dobro de mercadorias que as mulas dos outros vendedores. Esses carroceiros prestavam serviços diretamente junto à Noroeste do Brasil (NOB), pois eram os responsáveis por transportar todas as mercadorias descarregadas na estação ferroviária de Campo Grande, distribuindo as mesmas entre os atacadistas locais, entre eles Antônio Simão Abrão - conhecido como “Troncoso” - e Elias Saad, entre outros. Esses, por sua vez, redistribuíam as mercadorias aos pequenos comerciantes varejistas para abastecer seus consumidores (MEGGIOLARO, 1992).

Num segundo momento, famílias árabes se instalaram na Avenida Calógeras, ponto de concentração de estabelecimentos de palestinos, sírios e libaneses, que se dedicavam à venda de calçados, tecidos, roupas, entre outros bens de consumo direto. Entre algumas das lojas mais conhecidas na história de

Campo Grande, temos a Casa Bacha, que se dedicava à venda de produtos rurais, na Rua 15 de Novembro, bem como a Casa Rochedo, na Rua 14 de Julho, dedicada à venda de panelas e utensílios domésticos. Outros estabelecimentos instalados por árabes em Campo Grande: Casa São Paulo, Casa Dima, Casa Bom Gosto e a Casa José Abrão (MEGGIOLARO, 1992).

Outra grande contribuição das colônias árabes veio com a culinária, rica em temperos, condimentos e especiarias. O Armazém Mansour foi o primeiro estabelecimento de imigrantes a trazer tais produtos para Campo Grande, além de outras variedades típicas das regiões do Oriente Médio, como a *Raha* (goma árabe) e o *Arak*, uma forte bebida que deve ser tomada diluída em água. Anos mais tarde as famílias começaram a se concentrar na Rua 7 de Setembro, hoje, um dos principais pontos de culinária árabe de Campo Grande, com casas de *esfiha* e cozinha tradicional.

3.2 A COLÔNIA JAPONESA

Kasato Maru foi o navio que, em 1908, transportou o primeiro grupo de imigrantes japoneses vinculados ao acordo estabelecido entre o Brasil e o Japão. Destes, 26 famílias decidiram mudar-se para o então estado de Mato Grosso, em busca de oportunidades, em razão das promessas de boa terra, qualidade de vida, e do clima, que para eles lembrava muito o de sua terra natal, Okinawa. Coincidentemente, nesse ano, o Brasil passava por uma crise econômica no setor agricultor, crise que recaía principalmente sobre a produção do café, açúcar e cacau. Parte dessa crise se dava em razão de o país não estar apto a suprir demandas por falta de métodos aplicáveis à produção rural. A contribuição dos japoneses na agricultura, em especial na produção do café, foi decisiva para a ascensão do país como maior produtor e exportador mundial do grão. A Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), naquele ano, contabilizava uma produção de 45.544 sacas de café, registrando um crescimento de 35% com relação ao último ano, um aumento significativo em razão das metodologias trazidas pelos imigrantes japoneses, caracterizada pelo trabalho árduo e pela preocupação quase obsessiva de educar e formar seus descendentes em nível superior (KOEI, 1999). Os imigrantes japoneses também contribuíram diretamente com a horticultura,

fruticultura, cultivo do arroz, pimenta do reino e outros gêneros. Para as plantações de arroz, trouxeram ainda o beneficiamento do produto - separação do grão e do farelo, utilizado para produção de ração animal -, além de conceitos importantíssimos de adubação e de combate às pragas da lavoura.

Destarte seu papel marcante no agronegócio, talvez a principal contribuição dos orientais tenha sido a introdução dos conceitos fundamentais de cooperativismo. Na região do estado de Mato Grosso do Sul, destaca-se a Cooperativa Agrícola Mista de Várzea Alegre, a CAMVA, responsável pela produção de hortaliças, frutas e ovos. Sabe-se hoje que o modelo cooperativista de produção é uma das formas mais eficazes de garantir bons resultados com baixos custos e devida distribuição das divisas percebidas.

Destaca-se, também, principalmente em Campo Grande, a culinária japonesa. O sobá, prato de macarrão oriental servido em tigelas com caldo, carne bovina ou suína, ovo e cebolinha, era consumido apenas pelos imigrantes, popularizando-se mais tarde entre os moradores da região de Campo Grande. Importante ressaltar que originalmente, o prato consistia apenas no macarrão de trigo mouro, à base de ovos, álcool e água de cinza - um preparado a partir da decantação de eucalipto queimado em garrafas de água destilada - servido com uma sopa quente: foi o intercâmbio cultural e a inclusão de elementos regionais que fez do sobá o prato que é hoje. O papel do prato na cultura de Campo Grande é tão marcante, que o sobá é hoje considerado Patrimônio Imaterial Histórico e Cultural do município, com base no Decreto Municipal nº 9.685, de 18 de julho de 2006. A Feira Central, um dos principais pontos turísticos de Campo Grande, sedia ainda, todos os anos, o Festival do Sobá, festa realizada com o apoio da Prefeitura Municipal para projetar a iguaria no turismo nacional e internacional.

Vale ressaltar que os imigrantes japoneses por meio de sua identidade cultural destacam-se na dança, no esporte, em festas tradicionais, tais como: o Bon Odori, o festival da primavera, bem como a Festa do Ovo, realizada em Terenos, além da Sociedade Desportiva Nipo-Brasileira - o conhecido Clube Okinawa -, e da escola Visconde de Cairu.

3.3 A COLÔNIA ESPANHOLA

Os espanhóis chegaram ao Brasil no início século XX, tendo encontrado seu caminho para o então estado de Mato Grosso em 1920. Os espanhóis aqui instalados dedicaram-se inicialmente ao comércio, principalmente na área de panificação, com a conhecida Padaria Espanhola, estabelecimento que existe até os dias de hoje (CUNHA, 1999).

Houve ainda grande contribuição na área da arquitetura, principalmente no que tange às fachadas de importantes prédios da capital de Mato Grosso do Sul - trabalho atribuído aos chamados “homens do risco”, como Francisco Miráles e Francesco Cetara, sendo que aquele fora responsável pela fachada do quartel-general do Exército, localizado na Avenida Afonso Pena, bem como por peças destinadas para igrejas da época; já Cetara, executou a fachada do Colégio Osvaldo Cruz, localizado em frente ao Mercado Municipal de Campo Grande, e da Casa do Artesão, dois prédios de imensurável valor histórico para o patrimônio do nosso Estado (CUNHA, 1999).

Além das ações diretas de desenvolvimento voltadas para Campo Grande, os espanhóis ainda foram responsáveis pela fundação da Sociedade Centro-Beneficente Espanhol, uma entidade que tinha por fim primordial a recepção dos imigrantes oriundos do país basco, auxiliando-os com sua adaptação e garantindo assim uma unidade da colônia em Campo Grande.

3.4 A COLÔNIA ITALIANA

O papel fundamental dos italianos na sua ocupação em território sul-mato-grossense se deu de forma mais econômica do que cultural, já que com eles, trouxeram todo um cabedal de conhecimentos aplicados à indústria. Como exemplos, podem-se citar as olarias, as fábricas de gelo, refrescos, balas, caramelos, além da primeira fábrica de massas em escala industrial, gerando dezenas de empregos diretos e indiretos. Boa parte do que aqui era produzido destinava-se ainda ao comércio externo, como São Paulo, para onde as mercadorias eram enviadas pela Noroeste do Brasil. Uma das principais indústrias

instaladas em Campo Grande, no ano de 1924, foi a Fábrica de Gelo e Refrigerantes Mandetta.

Além do importante papel para a promoção do crescimento da indústria regional, os italianos destacaram-se ainda pela participação maciça em entidades e associações comunitárias. Foi Hercules Mandetta o responsável pela fundação de diversas entidades em Campo Grande, como a Sociedade Beneficente Santa Casa, o Rotary Clube, a Associação Comercial de Campo Grande, a União Democrática Nacional (UDN), o Círculo Militar, o Clube Libanês e o Clube Surian. Miguel Letteriello, junto de Hercules Mandetta, foi um dos fundadores da Associação das Indústrias de Campo Grande, sendo ainda o coordenador da área industrial da Exposição Agropecuária e Feira de Amostras de Mato Grosso - à época, um dos mais importantes eventos do agronegócio nacional. Exerceu ainda por muito tempo a presidência da Associação dos Proprietários de Imóveis de Campo Grande, e a direção da Escola de Artes e Ofícios, da Sociedade Caritativa e Humanitária de Campo Grande (SELETA).

Fora o desenvolvimento econômico e industrial, a presença dos italianos também ficou marcada pela culinária, dança e tradições, como é possível notar na presença de confeitarias e principalmente de sorveterias, que serviam o famoso sorvete italiano.

3.5 OUTRAS COLÔNIAS

Outras colônias ainda desempenharam importante papel no desenvolvimento da capital do novo estado, agregando mais e mais elementos culturais que culminariam com a construção da identidade do povo de Campo Grande. Passa-se à análise desses elementos e suas respectivas colônias.

3.5.1 Paraguaio

Estima-se que 300 mil paraguaio e descendentes habitam o Estado, sendo pelo menos 80 mil famílias com base em Campo Grande. É sem dúvidas a maior colônia de imigrantes do estado. Onze municípios paraguaio fazem fronteira com o Estado e uma boa parte do território hoje sul-mato-grossense foi anexada

após a Guerra do Paraguai. A influência é tamanha, que em 2001 foi instituído em Mato Grosso do Sul o Dia do Povo Paraguaio, celebrado no dia 14 de maio, justamente o dia da independência do Paraguai da metrópole espanhola (CUNHA, 1999).

A cultura paraguaia está impregnada nos costumes sul-mato-grossenses, em especial na população de Campo Grande, quem em dias quentes tem como uma de suas principais bebidas o tereré, erva mate tomada em guampa com água gelada. O tereré já virou uma instituição em Mato Grosso do Sul, assim como o sobá vindo dos descendentes de Okinawa (CUNHA, 1999).

Um exemplo da força da cultura paraguaia no estado de Mato Grosso do Sul é a Associação Colônia Paraguaia. Fundada em 1973, é a maior do país, com 740 famílias associadas, possuindo sede própria na Vila Pioneiros e realiza diversas atividades artísticas e encontros sociais. Outro ponto de Campo Grande que reflete o forte movimento desse povo é a Vila Popular: pelo menos 80% da população do bairro são de paraguaios e descendentes. Isto porque os primeiros imigrantes paraguaios que vieram para a região de Campo Grande eram tropeiros, que lidavam com gado de corte, e se instalaram na região porque o lugar que hoje fica a Vila Popular era onde havia os frigoríficos (CUNHA, 1999).

A música também deixa forte marca na cultura de Campo Grande, com as guarânias, a polca paraguaia e o chamamé. Hoje, são inúmeros os grupos paraguaios na Capital, como Los Celestiales, Los Divinos, Los Latinos, bem como o cantor Benitez Ortiz, um dos mais conhecidos da cidade (CUNHA, 1999).

A culinária sul-mato-grossense também recebeu forte influência vinda do Paraguai: a chipa é encontrada facilmente em mercados e padarias de Campo Grande, sendo um popular lanche entre a população da capital; a sopa paraguaia também é uma iguaria apreciada por boa parte da população.

3.5.1 Alemães

O povoamento por parte dos imigrantes alemães foi se efetivando por meio de um intenso fluxo migratório. Por volta de 1800, tudo se tornou mais fácil para a chegada de estrangeiros na medida em que se dava a abertura da livre

navegação do rio Paraguai, em 1856, permitindo o acesso direto a então capital da Província, Cuiabá, pela foz do Prata e pelo Atlântico (MEGGIOLARO, 1992).

Mercadorias européias e louças orientais começaram a adentrar em terras mato-grossenses, através do porto de Corumbá. Surgiram na cidade as chamadas "Casas Comerciais", que foram o centro nervoso da economia. Essas Casas Comerciais chegaram a desempenhar um papel semelhante ao assumido pelas Casas Bancárias, anos mais tarde, tal a sua importância e confiabilidade junto à comunidade. Absorvidos pela cultura regional, os imigrantes alemães foram perdendo o vínculo com a cultura natal, formando suas famílias no território brasileiro, e adequando-se mais e mais aos costumes locais. Seus nomes foram se aportuguesando, adaptando-se à nova realidade (MEGGIOLARO, 1992).

Em 1920 iniciou-se um processo de gestação, daquilo que viria a ser uma colônia de múltiplas etnias, concretizado no ano 1924, com a entrada de várias famílias estrangeiras em território mato-grossense. Entre elas, 42 famílias vindas de diferentes regiões de países de cultura alemã. Esses grupos vieram a formar a chamada Colônia Agrícola de Terenos, a pouco mais de 30 km de Campo Grande (MEGGIOLARO, 1992).

Em 1977, com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, cuja Capital passou a ser a cidade de Campo Grande, o então sul de Mato Grosso tornou-se detentor dos maiores centros que receberam os migrantes alemães ou seus descendentes: Dourados, Maracajú, São Gabriel do Oeste, Terenos e a cidade de Bonito (MEGGIOLARO, 1992).

Independente dos grupos familiares, que vieram para o sul do Estado em busca de melhores terras, há ainda aqueles profissionais liberais que, com o intuito de colocar seus conhecimentos e sua força de trabalho a serviço da região, acabaram ficando, a exemplo do engenheiro responsável pela construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1914) Emílio Schnoor, e Friedrich Korndörfer, um dos primeiros relojoeiros da cidade de Campo Grande. É de se destacar ainda atuação dos alemães na promoção da saúde, com a fundação do Hospital Gunter Hans, também conhecido como Hospital Adventista do Pênfigo, principal centro de tratamento de doenças como a hanseníase (MEGGIOLARO, 1992).

4 DO MULTICULTURALISMO COMO ELEMENTO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

Campo Grande, em suas raízes, agregou todas as culturas dos povos que aqui se estabeleceram, numa situação no mínimo curiosa em relação às outras capitais da época: afinal, não havia em Campo Grande uma identidade definida, que apontasse de forma clara e objetiva qual seria sua verdadeira face, seus valores, o seu território, e principalmente, que fizesse florescer em seus cidadãos o sentimento de pertença.

É de se notar que houve num primeiro momento um movimento intenso de reterritorialização, vez que o espaço físico da atual capital do estado de Mato Grosso do Sul, funcionou num primeiro momento como um centralizador de interesses, um pólo que atraiu as mais diversas etnias e culturas com as promessas de um desenvolvimento pessoal mais benéfico.

Santos (2004), em sua análise sobre o território, dá uma base sobre a qual trabalhar e compreender esse fenômeno.

[...] os municípios para oferecer as condições mais vantajosas em termos de subsídios, infra-estrutura, mão-de-obra e imagem, mostram que o espaço - e o território - em vez de diminuir sua importância, muitas vezes amplia seu papel estratégico, justamente por concentrar ainda mais, em pontos restritos, as vantagens buscadas [...] e pela intensificação da diferenciação de vantagens oferecidas em cada sítio (SANTOS, 2004, p. 78).

No processo de ocupação do estado de Mato Grosso do Sul, estavam as pessoas em busca das vantagens prometidas pelas terras locais - um espaço mais fértil e de grande capacidade produtiva, tanto para a agricultura quanto para a criação de animais. Com o multiculturalismo, vieram os avanços, o emprego de técnicas e conhecimentos específicos, que promoveram o crescimento cada vez mais acelerado da cidade de Campo Grande - uma capital relativamente “jovem”, considerando-se a sua história.

Nesse momento, nota-se a primeira grande crítica que é posta nesse momento: se tantos povos aqui se instalaram, e se esses povos fizeram questão de se agrupar e manter suas tradições, a ponto de empregarem seus conhecimentos culturais nas práticas do dia-a-dia, como identificar o que seria um cidadão genuinamente campo-grandense?

A questão de fato levanta dúvidas: não é possível dizer que Campo Grande possua uma dança típica, um prato típico, trajes ou festas tradicionais. Toda manifestação presente em seu território é uma tradução da cultura que outrora veio na bagagem dos imigrantes, que em algum momento de suas vidas aqui se instalaram. Seu prato típico, patrimônio cultural e imaterial de Campo Grande, o Sobá, é uma tradução do prato típico trazido pelos imigrantes de Okinawa. A bebida tradicional, o tereré, vem da herança dos paraguaios.

Sabe-se que Campo Grande surgiu de forma diferenciada. Inicialmente a cidade não passava de um entreposto comercial da região sul com a capital do antigo estado de Mato Grosso, Cuiabá, localizada ao norte. As oportunidades de crescimento começavam a surgir cada vez mais na região, fato que motivou os primeiros movimentos para o sul do estado, até culminarem com a divisão do mesmo, e com o nascimento de Mato Grosso do Sul.

Exatamente por nascer há tão pouco tempo, e por agregar tantas culturas, é que Campo Grande acabou deixando em evidência a sua verdadeira identidade: a de um território receptivo, capaz de permitir que diferentes povos convivam em um verdadeiro caldeirão multicultural, sem que haja qualquer prejuízo dos ritos e tradições dos povos aqui instalados. Mesmo concentradas num mesmo território, as colônias continuaram a desenvolver suas atividades regularmente, suas festas, seus pratos típicos, e a cidade de Campo Grande soube administrar tais diferenças de forma harmônica, permitindo a convivência desses povos, e permitindo ainda que o melhor de cada colônia pudesse colaborar com o seu desenvolvimento.

Campo Grande não é uma cidade de uma identidade, mas um centro de várias identidades, ou seja, não se estende por um território, mas por uma multiterritorialidade, situação em que permite, dentro de um espaço físico, o estabelecimento de diversas redes sociais, que interagem diretamente umas com as outras, sem perder, contudo, seus caracteres individuais. A existência de uma

multiterritorialidade se dá a partir do fato de a sociedade campo-grandense estabelecer-se por meio dessas redes, determinando o que Haesbaert (2004) chamava de “glocalização”, ou seja, um processo dialético entre o global e local: a partir desse processo, situações locais não mais são reconhecidas como locais ou como globais, mas pela combinação dos dois processos.

Para Hall (2003, p. 71) as mudanças nas identidades pessoais (sujeitos) estão transformando as sociedades.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes de deslocamento ou descentração do sujeito.

As mudanças tomadas em conjunto apresentam um processo de transformação fundamental e abrangente que faz questionar essa transformação para a sociedade moderna.

A ideia de cultura não pode ser separada da ideia de território, uma vez que por causa da existência de uma cultura é que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço. A partir daí, pode-se chamar de abordagem cultural ou análise geocultural tudo aquilo que consiste em fazer ressurgir as relações que existem em nível espacial entre a etnia e sua cultura (BONNEMAISON, 2002).

Com relação ao desenvolvimento local Ávila (2006, p. 134) assinala que:

[...] o DL é coisa de território/espaço coletivamente dimensionado, mas sempre considerando que os territórios/espacos coletivizados se afloram das dimensões ou propriedades comuns dos territórios/espacos individuados, propriedades estas - já formadas, em processo de formação ou passíveis de serem formadas se houver potencialidades para tal - que se interficiem, interajam, intercomplementem e ensejem a emersão dos embrionários ‘núcleos galáticos’ de coletivização, em processo de expansão externa e complexação interna. Daí por que o gérmen ‘nuclear’ da ‘coletivização’ de uma comunidade pode iniciar-se pela interatividade de propriedades comuns a restrito número de indivíduos para se estender: primeiro, a todo conjunto “localizado” de indivíduos, em ambiente de predomínio dos relacionamentos “primários” sobre os ‘secundários’ ou até de certa equilibração entre os mesmos, portanto

constituindo aquela categoria de coletividade sociologicamente denominada “comunidade”; segundo, à categoria de coletividade mais formal e de espectro território/espacial também mais abrangente - chamada ‘sociedade’ -, porque esta pode delimitar-se da dimensão dos relacionamentos “secundários” tanto entre só dois indivíduos quanto por aglutinação de pessoas que se agreguem em territórios/espacos muito mais amplos, ou seja, por relacionamentos “secundários” que jurisdicionem a totalidade de cidadãos de uma localidade, uma região, um país e até mesmo seres humanos consorciados em escalas inter, trans ou supranacionais. E isso tem tudo a ver com as dimensões individual e coletiva da identidade, como tratada inclusive para efeito do DL. [...] Mas esta fundamental diferença, entre performances de vida em ‘comunidade’ e em ‘sociedade’, também tem tudo a ver com DL. No primeiro caso, os indivíduos/cidadãos podem influir direta e incisivamente nos (por vezes até decidir sobre os) seus rumos, meios e métodos individuais e coletivos de vida (o que constitui exercício de cidadania), embora nem sempre isto ocorra por falta de aptidões internas (capacidades, competências e habilidades para tal) ou pelo esmagamento do dirigismo externo, sempre voltado à imposição e perpetuação da dependência societariamente verticalizada. E isto constitui, sem dúvida, situação de impasse, dado que, por um lado, o dirigismo externo bloqueia portas ao desenvolvimento de aptidões e, de outro, torna-se difícil pensar na superação do dirigismo externo sem que se desenvolva e exercite capacidade de aptidões. No entanto, o progressivo rompimento desse impasse é possível mediante a comunitarização para DL.

No contexto do Desenvolvimento Local, fica claro que o multiculturalismo de Campo Grande não serviu para fragmentar a sua identidade; a miscelânea² de povos aqui instalados apenas reforçou o caráter agregador da cidade, e as diversas culturas foram fundamentais para o desenvolvimento da capital em seus diferentes aspectos - econômico, industrial, comercial, mas principalmente, cultural e social. Eis que surge uma nova questão, de suma importância para o presente debate: como fica o sentimento de pertença daqueles que não possuem raízes nessas colônias. Em outras palavras, por que a população de Campo Grande deve aceitar uma cultura estrangeira como sendo representante de sua própria imagem. O mais importante: como evitar que essa cultura se perca pelo desgaste das relações estabelecidas entre as redes sociais, de forma a evitar que a complexa trama

² Opta-se pelo uso da palavra “miscelânea”, pois, segundo o dicionário PRIBERAM da Língua Portuguesa, tal vocábulo assume o sentido de “mistura”, “confusão”, enquanto a palavra “miscigenação” indica “procriação de indivíduos de raça mista”, ou seja, envolve a mistura de genes. Aqui, a mistura que debatemos é tão somente em nível cultural.

formada por esses agentes do Desenvolvimento Local se desfça por completo, destruindo o multiculturalismo aqui presente?

Destaca-se, inicialmente que a população de Campo Grande pouco sabe acerca de suas origens e sua história. Por essa razão, muitos acabam rejeitando boa parte do patrimônio construído dentro de seu território, ou seja, colocam-se resistentes à ideia, por exemplo, de que o Sobá possa representar nossa cultura gastronômica. Dessa forma, usurpam pra si diretamente os frutos de determinadas colônias, como no caso do tereré, em que boa parte de seus consumidores rejeita a origem paraguaia da bebida (SANTOS, 2004).

Exposta tal problemática é que, a partir dos conceitos básicos de território apresentados pelo professor Milton Santos, e da noção de identidade e desenvolvimento do professor Vicente Fideles de Ávila, é possível notar que para que Campo Grande possa continuar crescendo de forma sustentável, é preciso que a sociedade reconheça, incontestemente, a origem de seus povos, a história de sua cidade, resgatem a memória dos imigrantes e o papel desses povos no desenvolvimento da capital do Mato Grosso do Sul, razão pela qual esse mesmo desenvolvimento só poderá continuar sendo promovido se a comunidade conhecer - e reconhecer - de fato suas raízes, as origens da cidade, e os registros de por que Campo Grande é como é, construída a partir do cimento, pedras, suor e lágrimas daqueles que aqui chegaram, com a possibilidade de encontrar na cidade morena uma vida melhor (ÁVILA, 2006).

5 PROPOSTA DE PROJETO DO CENTRO CULTURAL DE IMIGRAÇÃO EM CAMPO GRANDE

Para que se possa cumprir a missão de resgatar a memória local dos cidadãos de Campo Grande, traçou-se a idéia da construção de um Centro Cultural que pudesse agregar elementos de todas as colônias, oferecendo à cidade uma nova opção de lazer, e ao mesmo tempo, meios de manter a memória desses trabalhadores do passado viva nas novas e atuais gerações. O local escolhido para tal empreitada é a área que compreende o antigo galpão da Noroeste do Brasil, sito à rua 14 de julho (ver mapa 1).

O espaço não foi escolhido por acaso: além de ter sido o ponto de entrada para aqueles que vinham para melhorar suas vidas em nossas terras, também trazia em sua história o trabalho dos imigrantes que a projetaram e construíram, permitindo o nosso desenvolvimento.

A estrada de ferro começou a ser construída de dois pontos distintos: o primeiro trecho partia de Bauru, em São Paulo, e o segundo saía de Corumbá, no então estado de Mato Grosso. Devido às maiores dificuldades do trecho de Corumbá, em razão da presença do Rio Paraguai, do Pantanal e das serras, a velocidade de desenvolvimento da obra foi muito menor, enquanto que do outro extremo a obra caminhava a passos largos favorecida pela forma geográfica do terreno, mais plano. Os dois extremos viriam a se unir no local denominado Estação Ligação, situada a 25 km de Campo Grande, no sentido a Bauru (CUNHA, 1999).

Logicamente que a presença da estrada de ferro traria todo e qualquer movimento por aonde viesse passar. Em Campo Grande, o comércio de maior importância passou a se instalar próximo às dependências da estação ferroviária, na Avenida Calógeras, e nas ruas 14 de julho, 13 de maio além de demais transversais localizadas naquela região.

Mapa 1 - Planta de Campo Grande com a indicação da área de intervenção.



Atualmente, a situação local foi muita alterada no que tange às atividades ali desempenhadas, devido à mudança de hábitos locais. A ferrovia deixou de ser uma peça importante, sendo substituída por grandes conglomerados, como a Santa Casa de Misericórdia, o Colégio Salesiano Dom Bosco, e anos mais tarde, pela Feira Livre Central. Cada um destes estabelecimentos trouxe todo tipo de sorte de comércio em seus respectivos entornos. A Santa Casa trouxe junto com ela um rol de atividades correlatas como farmácias, funerárias, óticas, instrumentos médicos e cirúrgicos, clínicas, consultórios. Já o Colégio Salesiano Dom Bosco atraiu livrarias, fotocopiadoras, lanchonetes, e pequenas restaurantes. Há de se destacar, porém, a continuidade, principalmente na Rua 14 de julho, do comércio varejista de ferramentas, utensílios, implementos, sementes e adubos para atendimento a sitiantes e fazendeiros.

Outro ponto importante que precisa ser anotado são as moradias dos ferroviários, tombadas pelo Município de Campo Grande através do Decreto nº 3.249 de 13 de maio de 1.996, que foram alienadas aos próprios moradores, antigos funcionários da RFFSA, que as mantém com suas características originais, dentro das limitações de cada um. A edificação residencial de maior importância no meio, a da esquina da Avenida Calógeras com a Avenida Mato Grosso, foi restaurada e transformada pela Prefeitura Municipal de Campo Grande em um espaço cultural, denominado de Casa Engenheiro Carlos Miguel Mônaco, antigo engenheiro da RFFSA e um de seus dirigentes locais.

Quanto ao calçamento das vias no entorno da estação ferroviária e adjacências, era todo composto por paralelepípedos, material este em granito, oriundo da região de Bauru, transportados pelas composições ferroviárias, permanecendo até a data de hoje, como testemunho daquela época, apenas no trecho da Avenida Calógeras até a Avenida Mato Grosso, bem como no trecho da Rua General Melo entre a Avenida Calógeras e Rua 14 de Julho. O restante das vias, que outrora possuíam este tipo de pavimento, foi recuperado com concreto asfáltico.

Como é possível notar, o prédio central da estação ferroviária, sua administração, bilheteria, entrada principal e armazém, foram restaurados e deram lugar ao chamado Armazém Cultural, local para atividades diversas e o espaço de

desembarque, mais próximo da av. Mato Grosso, encontra-se em fase de restauração.

No local, à direita do Armazém, foi desenvolvido o projeto de locação da então Feira Central. Esta nascida no pátio onde hoje se encontra o Mercado Municipal Antonio Valente, tendo sido transferida para rua XV de Novembro, entre os trilhos e a Avenida Calógeras, até a conclusão do citado mercado e daí. No ano de 1958, foi transferida novamente, desta vez para a Rua Antonio Maria Coelho, próximo à Rua José Antonio, e daí para as ruas Abraão Julio Rahe, 13 de Junho e Padre João Crippa. Anos depois, seria transferida em definitivo para o atual local em que se encontra, em outubro de 2006, hoje denominada de Feira Central de Campo Grande.

Com a retirada dos trilhos do centro de Campo Grande, alguns espaços foram reocupados por projetos de lazer e áreas urbanas de convivência. No espaço onde outrora havia o leito dos trilhos da RRFSA, entre a Avenida Julio de Castilho, na Vila Planalto até a Rua Eça de Queiroz, na Vila Esplanada, projetou-se e desenvolveu-se a Orla Morena, hoje já construída e liberada para uso público, no trecho que compreende a avenida Júlio de Castilho até a rua Plutão, estando em andamento a recuperação do prédio abandonado onde seria a rodoviária de Campo Grande, a ser transformado em um espaço destinado para as artes.

Outro trecho em fase de projetos e contatos com proprietários limítrofes, é o da avenida Mato Grosso até a avenida Afonso Pena, com o objetivo de se instalar uma rua de pedestres com espaços para bares, lanchonetes, restaurantes, além de prestadores de serviços, ou seja, um espaço de convivência, alimentação e de serviços gerais, onde o carro deixa de ser peça necessária para o tráfego (ver mapa 3). Tal projeto ainda está em fase de desenvolvimento pela Prefeitura Municipal de Campo Grande, que está contatando os proprietários locais para expor a idéia do projeto ao mesmo tempo em que está oferecendo determinados benefícios legais com relação a forma ocupacional.

No que tange ao projeto proposto no presente trabalho, o local de intervenção encontra-se na antiga esplanada da RFFSA, entre a rua Eça de Queiroz e a atual Feira Central de Campo Grande, mais precisamente onde esta edificada a rotunda, galpão de depósito de locomotivas, em forma circular, formando um ângulo de 110º, possuindo 12 baías, espaços estes destinados à manutenção, lavagem e

lubrificação das locomotivas, com acesso pela rua 14 de Julho e pela própria rua Eça de Queiroz (ver mapa 2).

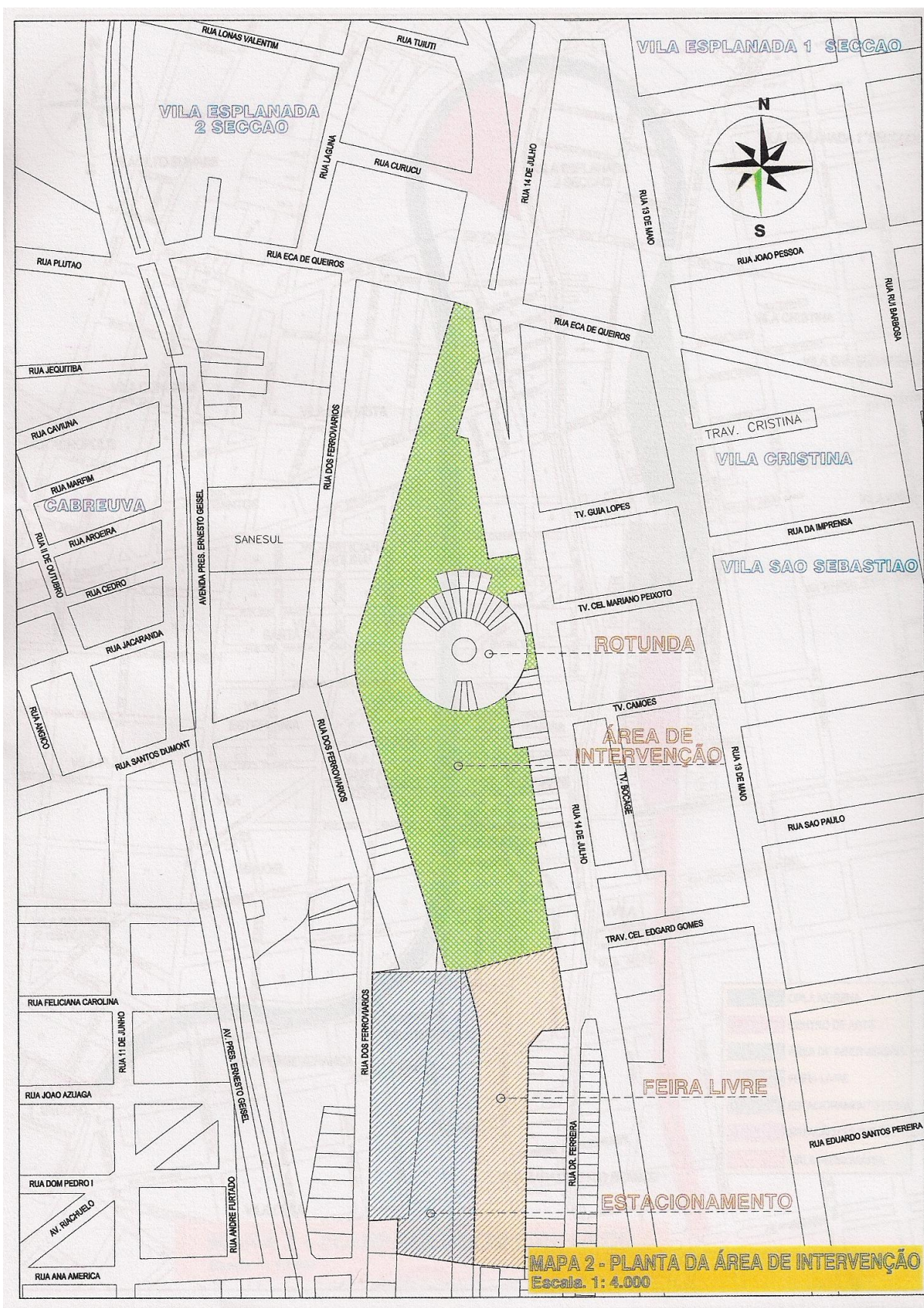
O prédio foi construído entre 1941 e 1943, com um diâmetro de 102,40 metros, sendo que na parte frontal, a distância entre pilares é de 3,75 metros e 20 metros de profundidade. O acesso das locomotivas às baias se dava através de um centro giratório, denominado girador, com diâmetro de 20 metros, onde a locomotiva adentrava a este espaço que, a partir deste momento, realizava o giro em direção a baia desejada, movimento este realizado por uma cremalheira de aço. Ao fundo da rotunda há ainda um prolongamento de três baias, que eram utilizadas exclusivamente para manutenção e reparos mecânicos dos vagões.

O material utilizado na edificação é em alvenaria de tijolos comuns assentados em uma vez, aparentes nas extremidades e fundo da rotunda, frente em pilares de concreto; o piso é em cimentado rústico, e sua cobertura em estrutura de concreto, além de telhamento cerâmico do tipo “francesa”, em duas águas, sendo uma voltada para o centro e a outra para o sentido contrário.

A área possui pequena declividade na direção Leste-Oeste, partido da rua 14 de Julho em direção à Rua dos Ferroviários, estando atualmente em estado de completo abandono, com vegetação rasteira de pequeno porte em quase todos os espaços existentes.

A área total do espaço em que pretendemos intervir é de 45.450 metros quadrados, sendo desta, 8.500 metros quadrados ocupada pelo diâmetro da rotunda (ver mapa 2). O prédio principal mede 2.432 metros quadrados, e o secundário, 415 metros quadrados. O pátio circular interno da rotunda, englobando o girador, possui uma área total de 3.060 metros quadrados. O estado de conservação das edificações é regular, passíveis, porém, de processo de restauração sem o comprometimento da segurança. Há, porém, a necessidade de um levantamento apurado de todos os problemas existentes, seja estrutural, de cobertura, paredes, instalações.

Mapa 2 - Planta da área de intervenção

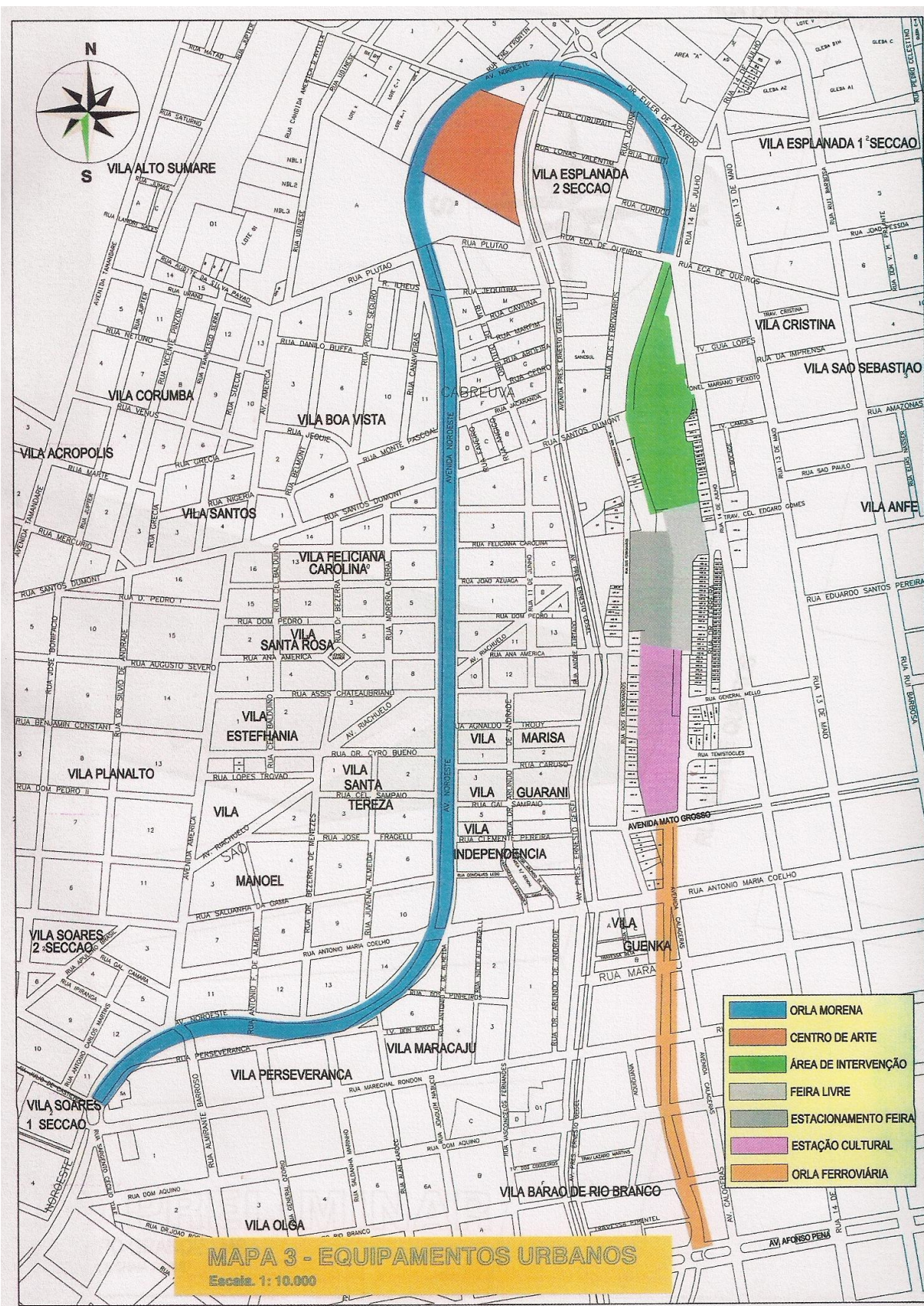


Há de levar ainda em consideração o fato de o prédio já pertencer a um tombamento municipal, devendo-se observar sempre as características construtivas originais e mantê-las como forma de uma preservação do espaço como uma peça permanente de nossa história e identidade municipal.

5.1 OBJETIVOS

A criação de um Centro Cultural viria ao encontro de diversos projetos em desenvolvimento pela Prefeitura Municipal de Campo Grande, que compreendem a Orla Morena, a Feira Livre Central, e a futura Orla Ferroviária, que se encontra em fase de estudos pela administração, fechando uma grande área contínua de lazer para a população, e que teria em comum a exaltação da cultura do povo e sua história (ver mapa 3).

A área escolhida para a intervenção, hoje, encontra-se completamente abandonada, sendo ocupada por moradores de rua, havendo inclusive registros de crimes praticados no local em delegacias diversas da cidade. Entre as práticas mais comuns estão o tráfico e o consumo de drogas, bem como furtos de pequeno valor, situação que gera insegurança e mal estar para as famílias que residem em seu entorno. Levada a proposta para os moradores da região por meio de um questionamento simples - “você acham válido fazer algo nessa área que está abandonada como alternativa de passeio, como a Feira Central?” -, praticamente todos se mostraram favoráveis ao aproveitamento da área, registrando na oportunidade diversas críticas e reclamações à obra em seu estado atual.



O aproveitamento da rotunda e do galpão da antiga Noroeste do Brasil (NOB) para o estabelecimento de um Centro Cultural de Imigração permitiria que festas típicas, pratos e apresentações culturais pudessem ser desfrutados num mesmo lugar, todas centralizadas num espaço que detém a memória viva da chegada desses imigrantes a Campo Grande. Com isso, todas as imediações também seriam diretamente atingidas, pois o aumento do fluxo de pessoas de diferentes regiões moveria a economia, e direcionaria investimentos públicos para melhoras na infraestrutura da região, bem como na prestação de serviços essenciais, como segurança e transporte.

Hoje, as colônias realizam suas festas tradicionais em clubes próprios ou de terceiros. O Centro Cultural traria a essas colônias uma estrutura pronta para a realização desses eventos, ou, alternativamente, uma forma de divulgar suas próprias festas de forma mais eficaz. Por exemplo, a colônia árabe ainda aluga salões de festas para seus jantares, já que não possui mais um espaço próprio; o Centro Cultural supriria essa lacuna. Já a colônia japonesa possui seus espaços, como o Clube Okinawa, para a realização do Bon Odori, por exemplo; nesse caso, eles não precisariam mudar o evento de endereço, podendo aproveitar o Centro Cultural apenas para realização de apresentações que chamassem mais visitantes para conhecerem sua festa mais tradicional.

O espaço ainda poderia ser aproveitado para praças de alimentação com pratos típicos, algo que não se encontra disponível de forma marcante na Feira Central, além de espaços de convivência e mostras de arte, como pinturas, artesanato, dança, e música, em um regime rotativo, para estimular sempre novas visitas de seus frequentadores.

Trazendo a realidade cultural desses povos, e recontando sua história para a população, os imigrantes teriam sua importância reavivada na memória dos cidadãos, que passariam não só a compreender, mas a respeitar de fato o papel determinante na contribuição que essas pessoas desempenharam no surgimento desta capital.

5.1.1 Festa das Nações

Em 1998, Campo Grande realizava pela primeira vez, no Centro de Exposições Laucídio Coelho, um grande evento para todas as nações instaladas em seu território, a Festa das Nações. O objetivo do evento, que viria a ser realizado anualmente, era exatamente resgatar as tradições e culturas das colônias do estado, por meio de apresentações e danças típicas, além de barracas onde seus visitantes poderiam provar os mais diferentes pratos e bebidas típicos.

Realizada por anos, a festa deixou de acontecer em Campo Grande no ano de 2003, tendo sido levada para o interior do Estado, onde é realizada até hoje no município de Mundo Novo. A última edição ocorreu entre os dias 13 e 15 de maio de 2011.

O Centro Cultural de Imigração poderia, uma vez por ano, trazer o evento de volta para a capital, para ser realizado em seu espaço, a exemplo das festas que já ocorrem na Feira Central, como o Festival do Sobá e o Festival do Peixe, com apresentações musicais e atrações diversas. O espaço do Centro Cultural seria propício para um evento dessa magnitude, vez que concentraria já todas as colônias-parceiras (aquelas que aderirem ao projeto), com espaços amplos para circulação dos visitantes e para apresentações de diferentes descendentes.

A Festa das Nações seria a oportunidade ideal para que os visitantes tivessem contato com as tradições de todas as culturas de uma só vez - já que o Centro desenvolveria, regularmente, um sistema rotativo de apresentações, o qual será descrito no tópico a seguir -, sem contar que seria o chamariz necessário para que as pessoas que ainda não conhecessem o Centro Cultural, fizessem sua primeira visita. A Festa das Nações seria o principal evento anual a ser realizado no espaço, podendo compreender um final de semana, ou até mesmo uma semana completa, com atividades, atrações musicais, danças típicas, culinária e artesanato para todos.

5.1.2 Exposições permanentes e rotativas

O Centro Cultural abrigaria exposições permanentes sobre a história da chegada dos imigrantes em Mato Grosso do Sul, bem como sua instalação no município de Campo Grande. Tal exposição seria composta basicamente por fotos e representações da chegada dos mesmos, principalmente na antiga estação ferroviária da capital. Além das fotos, o Centro abrigaria artesanato e outras manifestações artísticas de cada povo aqui localizado. Porém, sempre há o problema de o novo logo perder seu brilho, e deixar de ser interessante aos olhos de quem o vê constantemente. Pensando nisso, para que o Centro Cultural não se desgaste com o tempo, exposições rotativas seriam realizadas em suas dependências, num sistema de rodízio: durante uma semana, o Centro daria destaque a uma das colônias ali representadas, permitindo que se incluam às mostras permanentes apresentações musicais e de dança. Em outras palavras, o Centro Cultural abrigaria uma semana de eventos especiais para cada colônia durante seu funcionamento. A colônia espanhola, por exemplo, teria seu destaque na Semana Espanhola, em que pratos típicos desses imigrantes teriam preços diferenciados, bem como a música e a dança flamenca ganhariam destaque em apresentações devidamente agendadas para quem quisesse assisti-las.

Inicialmente, o Centro Cultural trabalharia com oito semanas diferentes, permitindo que cada colônia tenha uma semana especial pelo menos uma vez a cada dois meses - num total de seis semanas especiais por ano para cada uma. Esses micro-eventos trariam sempre uma decoração específica, nas cores da bandeira natal de cada colônia, dentro do Centro Cultural, na forma de estandartes, de modo que o visitante possa identificar, por suas cores, assim que entrar, quem é a colônia homenageada da vez. Para homenagear os imigrantes, haveria a Semana Japonesa; Semana Árabe; Semana Portuguesa; Semana Espanhola; Semana Paraguaia; Semana Alemã; Semana Italiana; e por fim, a Semana Brasileira - afinal, Campo Grande também foi construída pelos migrantes mineiros e sulistas que aqui buscavam uma nova vida. As semanas poderão variar de acordo com a adesão de mais ou menos colônias ao projeto.

A grande vantagem de tais semanas é que as mesmas seriam bem espaçadas, o que daria um grande intervalo entre uma apresentação e outra por

parte dos artistas de cada colônia, e ao mesmo tempo traria sempre uma cara nova para o Centro, que convidaria constantemente seus visitantes a voltarem sempre, com a certeza de que cada visita seria única. Importante ressaltar ainda o fato de que, por sua natureza manifestamente cultural, o Centro Cultural de Imigração não entra em concorrência direta com a Feira Central, tendo em vista que os dois locais possuem finalidades totalmente distintas.

Além dos espaços de cada colônia, a estação teria a rotunda e o girador recuperados: no girador, seria montado um palco móvel para eventos e apresentações diversas; já nas baias da rotunda, seriam colocados vagões (12 no total, um para cada vaga), onde funcionariam bares, restaurantes, cafés, sorveterias, ou seja, espaços de convivência diversos para reunião de crianças, jovens e adultos, todos decorados como os vagões da época, e com fotos dos imigrantes que aqui chegaram há décadas. É preciso exaltar a cultura do imigrante, sem, porém, descaracterizar o que um dia foi o espaço onde o mesmo seria instalado, afinal, ele também faz parte da história de Campo Grande que queremos resgatar e preservar.

O horário de funcionamento do Centro também seria voltado para adequar-se à rotina dos moradores de Campo Grande, afim, ainda, de melhor compatibilizar suas visitas ao funcionamento da Feira Central: o Centro Cultural de Imigração funcionaria de segunda a domingo, das 18h00 às 23h00, um horário ideal para que as pessoas possam levar suas famílias para jantar, ou reunirem-se para conversar com os amigos num agradável *happy hour*. O horário ainda permitiria que o comércio tradicional de alguns imigrantes, como as casas de comida árabe, localizadas na Rua Sete de Setembro, não sofram com concorrência direta e esvaziamento de clientes.

5.2 MEMORIAL DESCRITIVO – PROJETO DO CENTRO CULTURAL DE IMIGRAÇÃO

O projeto foi desenvolvido em uma área de 4,5ha, sendo que a mesma possui forma irregular e alongada, possuindo um comprimento total de 558 metros e uma largura média de 120 metros. A área é relativamente plana e de fácil implantação dos equipamentos adicionais ao projeto.

Todos os detalhes do projeto podem ser visualizados no anexo (Anexo A - Estudo Preliminar). O Centro foi concebido para que se divida em setores bem distintos: estacionamento - este projetado com duas áreas específicas para carros leves, e uma terceira para o estacionamento de ônibus -, e no centro da área, a rotunda, palco das transformações desta proposta.

Os acessos ao empreendimento dar-se-ão pelas ruas Eça de Queiroz, no extremo norte da área e pela rua 14 de julho, no centro leste da mesma. O acesso pela rua Eça de Queiroz dar-se-á através de uma via com 7 metros de largura e passeios de 2,5 metros de cada lado, para um melhor movimento de veículos grandes, já que próximo a este acesso encontra-se o estacionamento para os ônibus, num total de 12 vagas. Há de se destacar que esta via chega até o estacionamento localizado no lado sul.

Conforme se pode notar, o sistema viário neste espaço será harmônico tecnicamente para o retorno dos veículos maiores sem transtornos de manobras, aproveitando-se este espaço em forma de gota para, no centro do círculo, implantar o marco monumental, marco este a ser concebido em função da proposta do projeto e que venha a caracterizar a imigração campo-grandense como ponto de crescimento e desenvolvimento local.

O acesso pela rua 14 de julho, mais modesto em termos de largura - 5 metros e passeios laterais de 2,5 metros -, ficará entre as travessas Cel. Mariano Peixoto e Camões que interliga os acessos e servirá para atendimento exclusivo de veículos leves. O estacionamento de carros leves de maior capacidade é o localizado no lado sul e que possui uma área de 12.000 metros quadrados reservada para uma futura ampliação do mesmo.

Como exposto, a capacidade de estacionamento para ônibus será de 12 vagas e para veículos leves de, o do lado norte com 240 vagas, o do centro com 150 vagas e ao sul, o mais amplo, e com possibilidades de ampliação, com a capacidade para 340 veículos, o que totalizará 730 vagas.

As pistas de acesso às vagas serão tratadas com pavimentação asfáltica, demarcadas com tinta apropriada. Os passeios, em blocos de concreto, próprios para este fim, em cores e desenhos que venham a harmonizar com o todo. Deverá haver, como forma de proteção e definição do caminho do pedestre, os passeios elevados e isolados das pistas de rolamento através de guia e sarjeta em concreto.

No lado oeste, próximo ao espaço destinado ao marco monumental, com o desenvolvimento do sistema viário e seus aspectos de movimentação, no canteiro central de acesso ao estacionamento sul, será implantada uma praça de atividades culturais com o piso em tijolos de concreto coloridos conforme planta apresentada.

A rotunda, espaço construído em 1941 a 1943, e destinado à lavagem, lubrificação e manutenção de máquinas da RFFSA, hoje em estado de abandono, deverá ser totalmente restaurada, mantendo-se as características originais, criando-se um conjunto de sanitários masculino e feminino, bem como os destinados para deficientes físicos. Tais sanitários podem ser implantados na estrutura já existente, ao lado leste, próxima à rua 14 de julho.

No lado norte da rotunda, será criado o espaço *gourmet*, espaço este destinado à apreciação dos diversos tipos de comidas típicas das colônias aqui presentes, e como forma de dar mais autenticidade ao empreendimento, em cada baia da rotunda, a alocação de vagões antigos, da rede ferroviária, executados em estrutura de aço com revestimento em madeira, janelas com vidro, para servirem de *pubs*, pequenos bares e restaurantes típicos das colônias aqui radicadas.

No centro do empreendimento, há o girador, estrutura de aço para direcionar as máquinas para as baias da rotunda. Esta deverá ser restaurada, podendo ser utilizada como palco giratório para diversas atividades culturais, sendo a estrutura com 3 baias, mais ao sul, destinada para apresentações diversas, possuindo 519 metros quadrados.

Circundando o complexo, será criado um pergolado em madeira com uma largura de 5 metros e em forma circular, como elemento de distinção interna e externa ao complexo, a forma se caracteriza pela mesma dos trilhos da estrada de ferro, o mais externo com 140 metros de comprimento e os outros dois com 60 metros cada um.

Os dois pátios, um central, com 1.824 metros quadrados de área, com capacidade para 3.000 pessoas, para atividades culturais e o outro, a oeste, de atividades gerais, com 1.310 metros quadrados e capacidade para 2.150 pessoas e que terá a finalidade de congrega a população, a céu aberto, das diversas atividades a serem implementadas no local.

O empreendimento possuirá uma administração própria, sala esta a ser implantada no espaço existente na rotunda. Os responsáveis seriam o poder público

em parceria com os representantes das próprias colônias, num modelo associativo como o já existente na Feira Central (ver fotos 10, 11, 12 e 13).

Foto 10 - Rotunda de Campo Grande, foto aérea de 2008



Fonte: Google Maps (2008).

Foto 11 - A rotunda já abandonada, em 2006

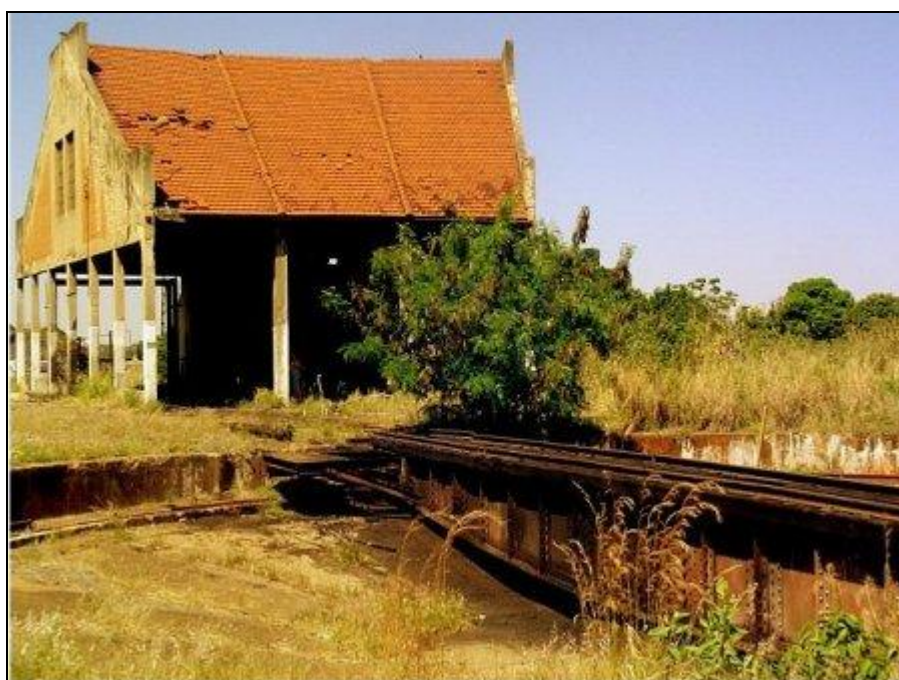


Foto: Manoel de Barros (2006).

Foto 12 - Parte exterior da rotunda em 2006 (A)



Foto: Tiago L. Ramires (2006)

Foto 13 - Parte exterior da rotunda em 2006 (B)

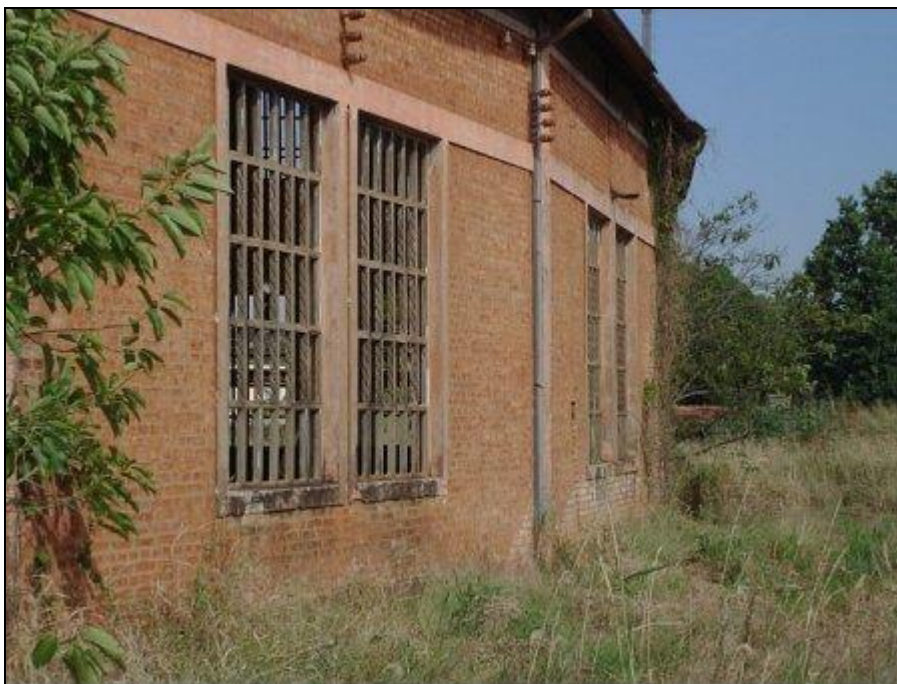


Foto: Tiago L. Ramires (2006)

Todos os materiais e formas a serem utilizados no projeto serão as que venham a manter a cultura da cidade, seus imigrantes, a estrada de ferro, com elemento catalisador do desenvolvimento de Campo Grande, e que a população, como um todo, principalmente aquela que vivenciou este espaço de tempo, se sinta inebriada pelo saudosismo e pelas lembranças que este transporte trouxe para o crescimento de Campo Grande e junto ajudou a transportar povos que vieram a somar à população autóctone.

Dessa forma, a proposta apresentada sugere, por meio de políticas públicas e comunidade local, implantar um Centro Cultural de Imigração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se discute acerca da verdadeira identidade de Campo Grande, questionando se a capital do estado de Mato Grosso do Sul teria uma face definida, ainda mais se forem consideradas as circunstâncias em que o estado surgiu e a cidade nasceu. Ao contrário do que pode parecer num primeiro momento, Campo Grande não é uma cidade sem identidade definida: sua verdadeira face fica clara ao se perceber o seu processo de criação e de desenvolvimento, uma identidade construída a partir da união de diferentes povos e etnias, todos em busca do mesmo sonho: o de melhores condições de vida para si e suas famílias. Foi esse desejo em particular que uniu a todos, brasileiros e estrangeiros, e os motivou a fazer deste espaço um lugar que pudessem chamar de seu; que pudessem chamar de lar.

A verdadeira identidade de Campo Grande se construiu com o suor dos imigrantes e dos brasileiros que aqui se instalaram, e que trouxeram grandes contribuições para o crescimento da cidade. Resgatar essa memória é essencial para que o desenvolvimento local promovido de outrora possa continuar nas presentes e futuras gerações. É preciso que a população de Campo Grande, hoje, resgate a memória de seus migrantes e imigrantes, para que possam entender seu próprio passado, e dessa forma, compreender o presente, e planejar o seu próprio futuro.

O reconhecimento da importância dos imigrantes como agentes de desenvolvimento local do passado é a chave que falta para que a pertença seja estabelecida entre o passado e o presente; para que se possa entender o porquê da bebida típica ser o tereré, ou por que o prato típico é o sobá; ou ainda, por que razão a população se reúne nos finais de semana para comer uma bela costela feita na brasa, na hora do almoço, com as pessoas que lhes são mais caras. Para entender quem são, o que fazem, e o que podem continuar fazendo no futuro.

O Centro de Cultura do Imigrante é o elemento que falta para suprir tais lacunas, pois ele representará mais uma opção de lazer para a população, ao mesmo tempo em que recuperará uma importante peça da história da cidade, o

galpão da Noroeste do Brasil, e ao mesmo tempo, promoverá a cultura e a tradição das colônias presentes em seu território, dando às mesmas o devido - e o merecido - destaque, resgatando dessa forma sua história, e conseqüentemente, o orgulho de ser campo-grandense, nascido na capital do estado de Mato Grosso do Sul.

A obra do Centro de Cultura do Imigrante fecha um complexo sistema de estruturas em desenvolvimento pela prefeitura, aproveita uma área disponível pela Secretaria de Planejamento Urbano da capital, recupera parte da história de Campo Grande com a restauração de uma estrutura hoje completamente abandonada, promove a preservação e a valorização da cultura local e das colônias, e acelera o processo de desenvolvimento local, no local e para o local, com a captação de investimentos públicos, crescimento e aperfeiçoamento de serviços essenciais, mas, principalmente, com a melhora direta na qualidade de vida das famílias residentes nas áreas mais próximas.

Sob o enfoque do Desenvolvimento Local, mais especificamente, destaca-se a retomada do sentimento de pertença da população de campo-grande com a sua própria história e seu patrimônio cultural, ainda que este se traduza em manifestações populares de suas colônias. O povo é construído a partir do multiculturalismo, um povo multinacional, mas que ainda preserva o espírito nacional, e o sangue brasileiro correndo nas veias. O respeito às suas raízes, não apenas genéticas, mas culturais, é essencial para que seja possível ter o sentimento de que o povo faça parte de um sistema maior, de que possa contribuir para o crescimento de sua cidade, e acima de tudo, de que tenham o dever cívico de proteger sua identidade acima de tudo.

A identidade se confunde com a cordialidade, mas não a cordialidade do cordeiro manso: a cordialidade de Buarque, que destacava que o homem era um animal que agia com o coração, acima de tudo, uma criatura sentimental, capaz de agregar ao seu espírito tudo aquilo que lhe pudesse trazer - e fazer - o bem. Proteger as raízes é proteger o futuro; manter o espírito cordial é estar aberto a novas culturas; valorizar quem são, e sua identidade, é o combustível necessário para a promoção do seu próprio desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ARCA. Revista de Divulgação do Acervo Histórico de Campo Grande. *Emigração: de como os árabes e armênios se instalaram em Campo Grande*. Campo Grande, n. 3, dezembro, 1992.

_____. *Colônias de Europeus sedimentam raízes em Campo Grande*. Campo Grande, n. 3, dezembro, 1992.

_____. *Campo Grande: o impulso do desenvolvimento nas rotas do gado, nos trilhos do trem, e nos caminhos do mercosul*. Campo Grande, n. 3, dezembro, 1992.

_____. *Campo Grande: uma cidade em busca de sua identidade*. Campo Grande, n. 1, outubro, 1992.

_____. *A ferrovia e o povo do sertão*. Campo Grande, n. 9, Junho, 1993.

ANTUNES, M. L. Marinho. *Vinte anos de emigração portuguesa: alguns dados e comentários*. **Análise Social**, ano 30-31, n. 8, p. 299-385, 1970.

ARRUDA, Angelo Marcos Vieira de. *História da arquitetura de Mato Grosso do Sul - origens e trajetórias*. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009.

ÁVILA, Vicente Fideles de. Realimentando discussão sobre teoria de Desenvolvimento Local (DL). **Interações** - Revista Internacional de Desenvolvimento Local, Campo Grande, v. 8, n. 13, p. 133-140, Set., 2006.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do Território. In: ROSENDHAL, Zeny e CORRÊA Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia cultural*. 3.ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

CUNHA, Francisco Antônio Maia da. *Campo Grande - 100 Anos de Construção*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999. 420 p.

CHALLITA, Mansour. *Este é o Líbano*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, 1976.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Etnias e culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

HAESBAERT, Rogério da Costa. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Desterritorialização, multiterritorialidade e regionalização. In LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério e MOREIRA, Ruy (Orgs.). *Brasil século XXI por uma nova regionalização - agentes, processos e escalas*. São Paulo: Max Lomonad, 2004, p.173-193.

HALL, Stuart. *Da diáspora identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*. T.A. Queiroz. São Paulo: Apoio Fundação Japão, 1987.

LEWIS, Bernard. *O oriente médio: do advento do cristianismo aos dias de hoje*. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MACHADO, Paulo Coelho. *Pelas ruas de Campo Grande*. 2.ed. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2008.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil*. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1984.

SAFADY, Jamil. *Panorama da imigração árabe*. São Paulo: Comercial Safady Ltda., 1972 - Obras Completas - volume 1.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 15-20.

_____. *Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico - científico - informacional*. 4.ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

ANEXO

PROPOSTA DE INSTALAÇÃO DO CENTRO CULTURAL DE IMIGRAÇÃO, EM CAMPO GRANDE (MS)